
Crónica de onomástica paleo-hispânica (12)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O

Na presente crónica, apresentamos diversas novidades relativas à onomástica ibérica, em boa parte tributárias da leitura de um estimulante texto da autoria de Joan Ferrer i Jané (2006), doravante indispensável para o estudo da língua e da epigrafia ibéricas. Por outro lado, continuamos a incidir a nossa atenção em trabalhos publicados sobre o tema nos últimos anos, não sendo poucas as entradas em que, uma vez mais, nos restringimos a um mero exercício de *rei uindicatio*.

A B S T R A C T

Most of the comments on Iberian names we are dealing with in the twelfth article of this series are the result from the reading of a thought-provoking paper written by Joan Ferrer i Jané (2006), one of the most important stages in Iberian language studies in recent years. The rest of the paper consists basically of a collection of historiographic notes once again marked by a “rei uindicatio” spirit.

AIDAR. Moedas. *Obulco*. (Porcuna, Jaén). *CNH* 342:5.

Caso se trate de um NP, AIDAR (também são possíveis as leituras AIDVAR e AIDIAR) deverá ser composto pelos elementos onomásticos ibéricos **aidu** e **ar/aí** ou **iaí** (Faria, 1994a, p. 38, n.º 30), constituindo esta uma hipótese que Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 253) se recusou a contemplar. Alicia Arévalo, depois de ter veiculado a ideia, por nós entretanto refutada (Faria, 2001a, p. 210), de que se poderia tratar de um NP celta (Arévalo, 1999, p. 35), veio agora advogar arbitrariamente a leitura AID AR, propondo como interpretação da mesma a tradução latina da designação de um cargo administrativo indígena (Arévalo, 2005, p. 42).

an(n)duaCui. Moedas. *Obulco*. (Porcuna, Jaén). *CNH* 346:36.

Não há um só motivo conducente a aceitar a transliteração **G22a-ntuakoi** (Arévalo, 2005, p. 170) em detrimento de **an(n)duaCui** (Faria, 1991a, p. 17, 1992a, p. 44, 1994a, p. 39, n.º 44, 1995a, p. 79, 1996, p. 152, 2000a, p. 125-126, 2001a, p. 206, 2003a, p. 212-213).

angioniś. Moedas. *Abra*. *CNH* 355:1-4.

Inexplicavelmente, Alicia Arévalo fornece para o mesmo NP duas transliterações distintas **G22b-kioniś?** (Arévalo, 2005, p. 45, 225) e **ztirkioniś?** (Arévalo, 2005, p. 225). Ambas estão, a nosso ver, erradas, devendo as mesmas dar lugar a **angioniś** (Faria, 1990-1991, p. 81, 1991a, p. 18, 1994a, p. 38, n.º 36, 1995a, p. 79, 2000a, p. 125-126, 2001a, p. 206, 2005a, p. 163).

arsbigis(Teegiaf). Moedas. **arſe** (Sagunt, València). *CNH* 304:2, 5.

Dando continuidade a uma prática que nunca deixaremos de condenar, tudo o que antes de 2002 foi escrito (e foi muito) a respeito da legenda monetária que Rodríguez Ramos (2005a, p. 44, n. 5) só agora — com mais de dez anos de atraso — conseguiu transliterar como **arsbigisTeegiaf** foi por ele ocultado por sem qualquer reboço. Em contraposição a esta triste postura, além de fornecermos a transliteração correcta da legenda em causa, que temos vindo a subscrever desde 1994, nunca deixámos de mencionar a esmagadora maioria dos trabalhos que, com maior ou menor acerto, se debruçaram sobre a mesma (Faria, 1994a, p. 40, n.º 53, 1994b, p. 66, 1994c, p. 123, 1995a, p. 80, 1996, p. 153, 1998a, p. 246, 2000a, p. 127-128, 2001b, p. 96-97, 2003a, p. 213, 2004a, p. 278); entre os que escaparam à nossa atenção, somente o livro de Antonio Beltrán (1950, p. 334) merecerá ser aqui assinalado.

Nenhum rasto da supracitada bibliografia produzida sobre **arsbigisTeegiaf** se encontra, tão-pouco, num texto que Xaverio Ballester acaba de publicar a propósito de diversas questões atinentes à fonologia e à morfologia da língua ibérica. Não obstante, o professor Ballester não hesitou em atribuir implicitamente a Javier Velaza — ao seleccioná-lo como único autor citado sobre a matéria — a responsabilidade pela “nueva lectura de un rótulo monetario saguntino” (Ballester, 2006, p. 380).

Por mera coincidência, deparámo-nos com esta mesma atitude num estudo de Eugenio Luján Martínez (2006, p. 478), que fez acompanhar a menção ao mesmo artigo publicado pelo professor Velaza das seguintes declarações:

“En los últimos tiempos parece haber una tendencia a considerar que la secuencia *arſbikis*, que también aparece sola sin el final *-teekiar* en otras monedas saguntinas, es un nombre de persona y no una cadena con el topónimo *arſe* como base, seguido de un complejo sufijal. Es verdad que *bikis* aparece como elemento de NNP pero parece demasiada casualidad que encontremos en las monedas de *arſe* un elemento inicial *arſ-* que no tenga que ver con el nombre de la ceca, a pesar de la diferencia de vibrante” (Luján, 2006, p. 478).

Este tipo de discurso não pode deixar de nos causar uma enorme desilusão — além de omitir propositadamente a bibliografia primária e de imaginar moedas exibindo **arsbigis** como legenda única, o professor Luján parece que nem sequer está ao corrente da existência de dracmas (*CNH* 304:2) possuidoras numa mesma face das legendas **arſsetaſ** e **arsbigisTeegiaf**. Aliás, não menos decepcionante é o que encontramos exarado sobre **belse** (Luján, 2006, p. 473-474), **betasešalir** (Luján, 2006, p. 473), **leiria** (Luján, 2006, p. 473-474), **abarilduſ** (Luján, 2006, p. 477), **saitabikitarban** (Luján, 2006, p. 478), **arsetarkikurkur** (Luján, 2006, p. 480-481), **bakartaki** (Luján, 2006, p. 481), **sakarbiškar** (Luján, 2006, p. 481), **Saltigi** (Luján, 2006, p. 481), **atarešar** (Luján, 2006, p. 482, 484), **bolškan** (Luján, 2006, p. 482), **Munda** (Luján, 2006, p. 482), **Osicerda** (Luján, 2006, p. 483), **ilberi** (Luján, 2006, p. 483), (de novo) o “complexo sufixal” **-bikis** (Luján, 2006, p. 484), **kulsenkite** (Luján, 2006, p. 484), **kisbakitar** (Luján, 2006, p. 485), **bentian** (Luján, 2006, p. 487), **benkota** (Luján, 2006, p. 487) e **Blacippo** (Luján, 2006, p. 487).

Para rematar um trabalho eivado de numerosos e evitáveis erros e omissões, o professor Luján Martínez (2006, p. 488) conseguiu incluir na literatura final um artigo nosso, que não trouxe à colação no texto, confundindo-o com outro que efectivamente surge referido, ainda que de forma truncada (Luján, 2006, p. 477).

Se a interpretação fornecida por Luján para **arsbigisTeegiaf** ficou, por diversas razões, muito aquém das nossas expectativas, não foi menor a perplexidade que nos causou o juízo emitido por Alberto Quintanilla sobre a mesma epígrafe monetária. Além de porfiar (Quintanilla, 1998, p. 224)

em confundir os dois signos de vibrante gravados na dita legenda, o linguista em causa, fazendo tábua rasa da bibliografia disponível (nem mesmo Velaza é convocado), parece ainda acreditar que **arsakis** (agora considerado antropónimo) possa estar por **arsbigis** (Quintanilla, 2006, p. 510).

Passando agora a um outro registo, forçoso é reconhecer que os relativos méritos contidos na tentativa de sinopse bibliográfica que Untermann (2005, p. 1143, n. 26) acabou de publicar sobre **arsbigisTeegiaf** se esgotam numa autocrítica algo aparatosa, que, de qualquer modo, chegou com mais de uma década de atraso; quanto ao resto, em cinco linhas, é-nos narrada uma história que afinal se mostra dificilmente compatível com o arrependimento confessado: bastante incompleta e falha de rigor, não se salvando, sequer, a própria transliteração da legenda monetária.

becuegi. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 345:26-35.

Não há um só motivo conducente a aceitar a transliteração **bekoeki** (Arévalo, 2005, p. 173; Correa, 2006, p. 148, n. 58) em detrimento de **becuegi** (Faria, 1994a, p. 41, n.º 76, 1994b, p. 67, 1995a, p. 80, 83-84, 1996, p. 155, 2000a, p. 128, 2002a, p. 128, 2004a, p. 304). A justificação que fornecemos para a transliteração do segundo grafema como <cu> (Faria, 1995a, p. 83-84) mantém-se, como é óbvio, totalmente válida.

BERSEGI (gen.). Inscrição funerária de mármore. Arredores de Auch (Gers). Gorrochategui, 1984, p. 163-164, n.º 85.

Conquanto Gorrochategui (1984, p. 163) tenha considerado o presente NP uma “aquitanización de un nombre galo *Versegus”, no atestiguado por el momento”, nada impede que se veja no mesmo um NP paleobasco-ibérico segmentável em BERS-EGI (gen.) < *Bers-egius < *bers-egi (Faria, 2002a, p. 125) ou em BER-SEGI (gen.) < *Ber-segius < *ber-segi. De acordo com a primeira hipótese, poderemos invocar como paralelos **becuegi** (*CNH* 345:26-35; Faria, 1994a, p. 41, n.º 76, 1994b, p. 67, 1995a, p. 80, 1996, p. 155, 2000a, p. 128), **berśif** (G.7.2; Faria, 1994b, p. 67, 69, 1995a, p. 80, 1995b, p. 326, 2001b, p. 99, 2002a, p. 125, 2003b, p. 318, 2004a, p. 279-280), **berstan** (G.17.1; Faria, 1990-1991, p. 76, 84, 1994b, p. 67, 70, 2001b, p. 99, 2002a, p. 125, 2004a, p. 304), **egine**<i>ti<n> (Panosa, 2001, p. 530-531; Faria, 2002a, p. 127-128, 2004a, p. 306), **taftabiegi** (Campmajó e Untermann, 1990, p. 74, 75, 77, 1993, p. 511, 519) e **uecuegi** (*CNH* 355:1-4; *MLH* III 1, p. 153; Faria, 1991a, p. 18, 1994a, p. 55, n.º 391, 1995a, p. 85, 1996, p. 175, 2002a, p. 128). Além do NL **segia** (Faria, 2003a, p. 226, 2004b, p. 186), os NNP ibéricos cujos componentes são passíveis de caucionar a segunda das análises aqui encaradas são os seguintes: **anYber** (F.9.7; Faria, 1991b, p. 191, 2004a, p. 277), **ataber** (F.9.7; Faria, 1991b, p. 190, 191, 1994b, p. 66, 1998a, p. 270, 2004a, p. 278), **berbai** (Panosa, 2001, p. 530-531; Faria, 2002a, p. 125-126, 2003b, p. 318), **berian** (Faria, 1994b, p. 67), **berśif** (G.7.2; Faria, 1994b, p. 67, 69, 1995a, p. 80, 1995b, p. 326, 2001b, p. 99, 2002a, p. 125, 2003b, p. 318), **bertegeter** (*MLH* III 1, p. 217; Campmajó e Untermann, 1990, p. 77), **berti** (Campmajó e Untermann, 1990, p. 77, 1993, p. 511; Faria, 1994b, p. 69, 1997a, p. 110, 2004a, p. 304), **tasberiu**n (Faria, 2004a, p. 281: **bos-ber-iun**), **egisir** (D.12.1; Faria, 1995a, p. 80, 2002a, p. 128, 2004a, p. 306; *contra*, Rodríguez Ramos, 2002b [2003b], p. 46, n. 33), **leguśegi** (Faria, 1991b, p. 190, 1994b, p. 67), **ordinbereder** (Asensio, Miró, Sanmartí e Velaza, 2003 [2004], p. 201), **ordinseigi** (C.10.1; Faria, 1995b, p. 327) e **segitecer** (Faria, 1990-1991, p. 75, 87, 1991b, p. 190, 1994b, p. 68, 1995b, p. 327, 2003a, p. 226, 2004a, p. 290).

A eventualidade de BERSEGI (gen.) poder encontrar a sua origem linguística num idioma não-indo-europeu, designadamente no paleobasco-ibérico, não foi afastada por Gorrochategui (1984, p. 163), depreendendo-se desta postura que o linguista guipuscoano admitia que **Bersegius* pudesse corresponder ao nom. de BERSEGI (gen.). Temos, portanto, de considerar abusivo o reen-

vio de BERSEGI (gen.) para o nom. BERSEGUS (Rodríguez Ramos, 2002b [2003b], p. 46, n. 33). Circunscrevendo-se a existência deste último ao domínio da plausibilidade, dificilmente se compreende que o mesmo não venha precedido de asterisco.

A propósito de **segitecer**, dir-se-ia que estamos, aparentemente, diante de um NP identificado por Rodríguez Ramos (2002c [2003c], p. 233, 236). Nada mais errado, porém, já que Rodríguez Ramos omitiu a bibliografia anterior (Faria, 1990-1991, p. 75, 87, 1991b, p. 190, 1994b, p. 68, 1995b, p. 327; v. agora, também, Faria, 2003a, p. 226). Por outras palavras: não podemos permitir que Jesús Rodríguez Ramos (2002c [2003c], p. 233, 236) seja considerado o autor da interpretação de **segitecer** (G.16.1) como NP. Importa assinalar que **segi** é um dos numerosos elementos onomásticos ibéricos cuja existência é ignorada num dos repertórios elaborados por Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261).

bersíf. Placa de chumbo. La Bastida de les Alcuses (Mogente, Valência). *MLH* III 2 G.7.2.

Trata-se um NP ibérico por nós identificado, facto reiteradamente omitido por Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 258, 269, 2002b [2003b], p. 17, 2002c [2003c], p. 238, 2005b, p. 33). Por outras palavras: pela quarta vez (Faria, 2004a, p. 279-280), não podemos permitir que Jesús Rodríguez Ramos (2005b, p. 33) seja considerado o autor da interpretação de **bersíf** (G.7.2) como NP (Faria, 1990-1991, p. 77, 79, 1991b, p. 190, 194-195, 1994b, p. 67, 69, 1995a, p. 80, 1995b, p. 326, 2001a, p. 99, 2002a, p. 125).

Calisocum. Placa de bronze. Cabezo de las Minas (Botorrita, Saragoça). *MLH* V 1, p. 152.

Na *editio princeps* do Bronze de Botorrita 3, escrevia Untermann (1996a, p. 139) que o presente NF, além de derivar de um NP **Kalis(s)os* ou **Galís(s)os*, não contava com qualquer outro testemunho na Península Ibérica.

Nenhum obstáculo se ergue, porém, à probabilidade de ser o NP subjacente a **Calisocum** que se documenta em época medieval como *Galisso* e *Calisso* (Salaberri, 2000, p. 130). Tão-pouco poderá ser descartado um parentesco com o segundo elemento do NP **ordincali** (ou **ordincalibi**) (Campmajó e Untermann, 1990, p. 71, 73, 1993, p. 508-509).

Alcançarão as largas dezenas os NNP hispânicos de ascendência pré-romana que figuram exclusivamente em documentação alto-medieval. Invoquemos, a título de perfeito paralelo para o caso que aqui nos trouxe, o NP celta **Magilanos*, restituível a partir do NF MAGILAN(I)CVM (Faria, 1993a, p. 149), que vamos encontrar em 1020, como nome de possessor, em documento pertencente ao Tombo de Samos: *[uilla] Magilani* (Boullón, 1999, p. 291-292).

CANDNIL(...?) SISCRA F(iilus). Moedas. **Beuipo/*Cantnipo* (Alcácer do Sal, Setúbal). *CNH* 134:5-5A.

A leitura fornecida para esta legenda por Alicia Arévalo (2005, p. 234, 241) — **CANDNIL SISCRA F** (SICRA [p. 50] deve ser gralha) — não leva em devida conta a existência no patronímico de uma última letra que forma um nexa com a que figura em posição imediatamente anterior: **SISCRA** (Faria, 1994a, p. 42, n.º 109, 1996, p. 157, 2001a, p. 209).

Refira-se, de resto, que dois dos três asses catalogados por Arévalo que reproduzem a dita legenda (Arévalo, 2005, lámina 91, n.ºs 1492 e 1494) apresentam os respectivos reversos em posição invertida, o mesmo sucedendo ao exemplar n.º 1490, que pertence a outra emissão da mesma ceca, cujo nome indígena jamais mereceu da nossa parte a transliteração **betouibon*, ao invés do que García-Bellido e Blázquez (*DCPH* II, p. 333), seguidas por Arévalo (2005, p. 37), quiseram fazer crer.

caresban. Vaso cerâmico. San Miguel de Liria (Valência). *MLH* III 2, F.13.5.

Este NP ibérico foi por nós tratado numerosas vezes (Faria, 1991b, p. 190, 1994b, p. 67, 70, 1997a, p. 107, 1998a, p. 271, 2000a, p. 130), mas não as suficientes para que Velaza (2005 [2006], p. 144) se predispusesse a reconhecer os nossos sucessivos contributos, os quais, de resto, vieram colocar em causa a sua perspectiva sobre o tema (Velaza, 1996, p. 49). Como se tal não bastasse, Velaza (2005 [2006], p. 144) tão-pouco se mostrou disponível para identificar quem procedeu à identificação de **ban** como formante onomástico (Faria, 1990-1991, p. 77, 79, 1991b, p. 190, 1992b, p. 195, 1994b, p. 66, 70, 1995b, p. 326-327, 1997a, p. 107-108, 2000a, p. 130).

careśor. Placa de chumbo. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). Solier e Barbouteau, 1988, p. 77.

Ao pretermirmos a interpretação que nos suscitou (Faria, 2003b, p. 327) o decalque da autoria de Yves Solier (Solier e Barbouteau, 1988, p. 77) — não há, salvo erro, qualquer fotografia que o corrobore —, decidimos seguir aqui a transliteração admitida por Ferrer (2006, p. 958, n. 4, 963, n. 33) para o primeiro (e único) silabograma do elemento onomástico em questão. Em conformidade com a mesma, sai bastante enfraquecida a possibilidade, alvitrada por Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 269), de TARTIGAR[---] (*IRSAT* 104) estar por TARTIGAR[ES].

Recorde-se que, ao arrepio das pretensões patenteadas por Rodríguez Ramos (*passim*), Quintanilla (2006, p. 510-511 e n. 7) e Velaza (2005 [2006], p. 142, 144), a identificação de **cares** (**Cares**) como elemento onomástico já vem de longe (Faria, 1990-1991, p. 86, 1991a, p. 190, 1992a, p. 195, 1994b, p. 67, 70, 1997a, p. 107, 2000a, p. 130, 2001a, p. 96, 99). Em artigo recente, Silgo (2004, p. 28) não hesitou em asseverar que “Untermann [*MLH* III 2, p. 371] relaciona **kařs** y el NP [sublinhado nosso] **kařes** F.9.7, F.13.2”, mas a verdade é que esta não é a tradução mais fiel que se pode encontrar para a seguinte asserção: “**k’arš-** (...) vielleicht identisch mit dem appellativischen Segment [sublinhado nosso] *karés* [*sic*] (...)”.

Parece-nos totalmente abusivo o uso de **careśor** com vista a comprovar o carácter excepcional de **s+s >ś** (Rodríguez Ramos, 2005a, p. 32), quando **cares-śor* conforma a segmentação mais provável para o presente NP (Faria, 1990-1991, p. 86, 1991b, p. 190, 1994b, p. 70, 1997a, p. 107, 2000a, p. 130, 2002b, p. 237). Ao invés do que pensa Rodríguez Ramos (2005a, p. 33: “sembla que efectivamente el formant era **śor** i no **śor**”), entrando em óbvia contradição com o disposto alguns parágrafos antes (Rodríguez Ramos, 2005a, p. 32), **śor** existe como formante onomástico, ocorrendo em **lecarśor** (Faria, 2002a, p. 133, 2003b, p. 327).

Nesta ocasião, não podemos deixar de aduzir os componentes onomásticos **śof**, **soř** e **śor**, que revelam inegáveis semelhanças com **śor**. Usando da precaução que Untermann (*MLH* III 1, p. 231-232), Quintanilla (1998, p. 118-119), Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 268, 2005a, p. 33, 133) e Ballester (2002, p. 466) entenderam dispensar, até prova em contrário, teremos de considerar que tais parecenças se atêm apenas ao plano formal. **śof** figura em **banśof** (Solier, 1979, p. 83; Faria, 1990-1991, p. 83, 1991b, p. 190, 1992b, p. 195, 1994b, p. 66, 70, 1995b, p. 326, 1997a, p. 107), **berisof** (Campmajó e Untermann, 1990, p. 76, 77, 1993, p. 511; Faria, 1997a, p. 110), **ederśof** (Campmajó e Untermann, 1990, p. 78, 1993, p. 512), **ibeśof** (B.1.25; Campmajó e Untermann, 1990, p. 77; Faria, 1995b, p. 326-327, 2002a, p. 132), **śoflaCu** (F.20.2; Campmajó e Untermann, 1990, p. 77; Faria, 1995b, p. 326), **tacalśof** (Solier, 1979, p. 81; Campmajó e Untermann, 1990, p. 77, 1993, p. 512; Faria, 1991b, p. 190, 1994b, p. 67, 70, 1995b, p. 326, 1998c, p. 236), enquanto **soř** surge somente em **sořibeis** (F.21.1; Faria, 1995b, p. 326-327). **śor**, por sua vez, acha-se reproduzido em **belsor** (Untermann, 2002a, p. 358-360; Faria, 2003b, p. 317-318) e em **śoriCe** (Untermann, 2002a, p. 360; Faria, 2003b, p. 317-318). Ainda que providos de distinto timbre

vocálico, não deverão ser esquecidos os componentes **suŕ**, constante de **ibeisuŕ** (Solier, 1979, p. 66, 84, 89; Faria, 1995b, p. 326) e de **tigíŕsuŕ** (Untermann, 1991-1993, p. 99), e **sur**, representado em **baŕsur** (D.5.1; Faria, 1994b, p. 68, 1999, p. 154), **beleŕsur** (**beleŕ-sur*) (Villaronga, 1998a, p. 130; Faria, 1999, p. 154) e **lorsur** (Faria, 1994b, p. 68, 1999, p. 154; Villaronga, 1998a, p. 130). Tanto **beleŕsur** (Villaronga, 1998a, p. 130), como **lbiŕsur** (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 268), NP passível de ser restituído em **[ŕa]lbiŕsur** (Faria, 2004a, p. 296), poderão indiciar a ocorrência de **ŕur**. Nenhum destes comparece no mais recente repertório de formantes onomásticos compilado por Rodríguez Ramos (2005a, p. 133), que comete a excessiva ousadia de reduzir seis ou sete prováveis formantes onomásticos a apenas um.

De resto, continuamos a ter sérias dúvidas de que os NNP **belsosin**, **caresif**, **ibeisuŕ** e **leisir** comprovem a simplificação de sibilantes **s+s >s**, tal como assevera Rodríguez Ramos (2005a, p. 33), porquanto nada impede que os mesmos apresentem, respectivamente, as seguintes segmentações: **bel-sosin** (Faria, 2002a, p. 125, 2003a, p. 216), **cares-if** (Faria, 1990-1991, p. 86, 1991b, p. 190, 1994b, p. 67, 70, 1995b, p. 326, 1997a, p. 107, 2001b, p. 99), **ibei-suŕ** (Faria, 1995b, p. 326-327) e **lei-sir** ou **leis-ir** (Faria, 1993a, p. 153, 157, 1995b, p. 326, 1997a, p. 109, 2000a, p. 124, 2001b, p. 99).

Cafŕuritu. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 343:15-16.

Já afirmámos repetidas vezes que **kabesuritu** (*CNH*, p. 343; Arévalo, 1998, p. 210, 1999, p. 86, 2005, p. 173) deve dar lugar a **Cafŕuritu** (*MLH* III 1, p. 190; Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17-18, 1991b, p. 190, 1994a, p. 42-43, n.º 112, 1994b, p. 67, 1994c, p. 123, 1995a, p. 80, 81, 1995b, p. 326, 1996, p. 158, 1997a, p. 106, 1998a, p. 249, 1998c, p. 236, 1998d, p. 230, 2000a, p. 122, 130, 2001a, p. 209, 2001b, p. 99, 2002a, p. 127, 2002b, p. 240, 2003a, p. 213, 215, 2005a, p. 167).

Em divergência com Jürgen Untermann (*MLH* III 1, p. 190) e Blanca Prósper (2005, p. 203), não vislumbramos qualquer razão passível de nos levar a considerar **Cafŕuritu** um NP não-ibérico.

CENTVLE. Estela de arenito. Ermida de Santa Eufémia (Elorrio, Biscaia, País Basco). Azkarate e García Camino, 1996, p. 173, n.º 38.

Nesta entrada, vimos propor uma nova explicação do NP em causa, que, tal como o NL *G(u)endulain*, dele derivado, surge atestado, com ligeiras variantes, em época alto-medieval (Caro Baroja, 1945, p. 72). Aquele vem sendo interpretado como o resultado da evolução de *Quintul(l)us* (Azkarate e García Camino, 1996, p. 313) ou de *Centullus* (Michelena, 1997⁵, p. 39; Cierbide, 1980, p. 93; Ramírez, 1987, p. 568, 1988a, p. 180, 190, 1988b, p. 157, 158, 159, 2005, p. 152; Orpustan, 1997³, p. 180; Belasko, 1999², p. 217; González Ollé, 1997, p. 660, 690; Terrado, Martín de las Puebas e Selfa, 2000, p. 186-187), com reenvio de qualquer das duas hipóteses para a antroponímia latina. Apenas Salaberri (2005, p. 98) encarou *Gendule* como um NP “de clara raigambre euskérica”. Na nossa óptica, contudo, **CENTVLE**, que, de basco, só possui a vogal final, resultado da adaptação da flexão nominal latina de tema em *-o-* (García-Bellido, 1990, p. 72; Velaza, 1991, p. 292; De Hoz, 1992, p. 336, n. 33, 1995a, p. 30; Pérez Vilatela, 1992, p. 352; Faria, 1993a, p. 155-156, 1994b, p. 68, 1997a, p. 111, 2000a, p. 136-137, 2003a, p. 223-224, 2004b, p. 184), deverá configurar um NP de extracção celta, derivando do NP **CINTVLLVS** < **Cintul(l)os*, **Centullus*, portador da raiz **cintu-* ‘primeiro’, com vários testemunhos na Gália (Billy, 1993, p. 53; Curchin, 1996, p. 46; Degavre, 1998, p. 152; *OPEL* 2, p. 50, 57-58; Delamarre, 2003², p. 117; Christol e Mauné, 2003, p. 378; Zeidler, 2005, p. 189; Stüber, 2005, p. 102). O radical de **CINTVLLVS** ocorre também na Hispânia, mais precisamente em Pinho (São Pedro do Sul, Viseu), no NP **CINTVMVNIS** (*HEp* 7, 1298; Prósper, 2005, p. 283; Vallejo, 2006, p. 114, 122), e, quiçá, no NL *Centobriga*, a fazer fé na

transmissão textual do mesmo (Curchin, 1996, p. 46, 1997, p. 263). Por sua vez, o complexo sufixal *-ulos* figura em território gaulês no NP BRATVLOS (Burnand e Lambert, 2004 [2006], p. 684) e no ND SMERTVLLVS (Delamarre, 2003², p. 277; Burnand e Lambert, 2004 [2006], p. 684), estando atestado na Península Ibérica em **statulu**/STATVLLVS (*IRCP* 123; Untermann, 1996a, p. 154; *MLH* V 1, p. 346) e, provavelmente, em **tirtotulu** (Lorrio e Velaza, 2006, p. 1036). No nosso entendimento, a distribuição de STATVLLVS, com duas atestações hispânicas e uma itálica, não é argumento bastante para que se lhe possa atribuir uma origem latina (*contra*, Untermann, 1996a, p. 154).

CONIPR(...). Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 342:5.

Poucas ou nenhuma incertezas deveriam subsistir quanto à interpretação de CONIPR(...) como NP indígena abreviado (Faria, 1991a, p. 18, 1994a, p. 43, n.º 125, 1994c, p. 123, 1996, p. 158, 2000a, p. 130). Afigura-se, por conseguinte, infundamentado o entendimento de CONIPR como termo relativo a uma determinada magistratura, de acordo com a proposta formulada por García-Bellido e Blázquez (*DCPH* I, p. 152), que mereceu o apoio de Alicia Arévalo (2005, p. 42).

culeśbai. Estela de grés. Les Ermites (Benlloc, Plana Alta, Castelló). Arasa, 2001, p. 142.

Se a fotografia reproduzida na obra de Arasa (2001, p. 142, Fig. 117) (autor que designa por Bel-lloc o município em cujo território se achou a supracitada estela) já nos levava a suspeitar da existência uma circunferência gravada no início da inscrição, que só poderia corresponder a <cu>, a observação de uma outra fotografia da mesma peça, de excelente qualidade, reproduzida num trabalho publicado pelo Museu de Belles Arts de Castelló (s.d.), não nos deixa quaisquer dúvidas de que estamos perante o NP ibérico **culeśbai**. Na nossa óptica, não há, pois, qualquer necessidade de dar o NP em apreço por incompleto e de se proceder à restituição de signos alegadamente desaparecidos no início ou no final do mesmo, ao arrepio da decisão tomada por Arasa (2001, p. 42), Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 256) e Untermann (2005, p. 1139), que aventaram **[ba?]**leśbai[s?], **[?]**leśbai[ser?] e **[be]**leśbai[ser], respectivamente, sem que o linguista alemão tivesse manifestado quaisquer hesitações quanto à restituição a adoptar.

Se abundam os exemplos de NNP ibéricos começados pelo formante **culeś** (*MLH* III 1, p. 227; Silgo, 1994, p. 183; Faria, 1994b, p. 67, 70, 1997a, p. 107, 2000b, p. 63, 2002a, p. 127), não é menos certo que já começa a ser igualmente significativo o número dos que integram **bai** na respectiva composição (Faria, 1995b, p. 323-324, 1997a, p. 111, 1998b, p. 234, 2000b, p. 61, 2002a, p. 125-126, 2003b, p. 318, 326; Ferrer, 2006, p. 966).

Ελερυας. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53.

Há alguns anos (Faria, 2000a, p. 131, 2000b, p. 63, 2001b, p. 99), tivemos o ensejo de formular uma tentativa de explicação para a ocorrência num mesmo texto dos signos <β> e <υ> com vista a representarem o fonema /b/, depois de termos observado que, no chumbo de Pech Maho, a υας (em Ελερυας e em [N]αυαρυας) e a ναυαρ (em [N]αυαρυας) se opõem βασι (em Βασιγερρος; ainda encontramos ΒΑΣΙΓΕΡΡΟΣ em Ballester, 2006, p. 365), βιυρ (em Γολο[v]βιυρ; ainda encontramos ΓΟΛΟΒΙΥΡ em Ballester, 2006, p. 365) e ναλβε (em Ναλβε[--]v).

Naqueles textos, pudemos notar que tal fenómeno se podia dever à circunstância de o fonema /b/ se realizar em duas variantes contextuais: [b] em posição inicial e na sequência de nasal ou de lateral, e [β] em posição intervocálica ou após vibrante, sempre precedendo /a/. Mais observámos que a notação gráfica das variantes contextuais de /b/ deveria decorrer do facto de estarmos perante um texto redigido por um escriba grego desconhecido do idioma ibérico, que as terá interpretado erradamente como fonemas distintos.

Esta tentativa de explicação não conseguiu convencer Jesús Rodríguez Ramos, que se limitou a rotulá-la de especulativa (Rodríguez Ramos, 2005a, p. 24, n. 1). É bom lembrar que o dito investigador, além de ter andado a predicar em vários trabalhos, munido de inabalável convicção, a leitura Βλερυας (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 257, 2002b [2003b], p. 44-45), chegou a considerar esta última, sabe-se lá por que bulas, helenização de *balarbas.

giscertanes. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Solier, 1979, p. 81; Ferrer, 2006, p. 966, n. 46.

Fazendo uso da sua proverbial civilidade, Jesús Rodríguez Ramos (2005c, p. 8, n. 2), como se estivesse genuinamente preocupado com a ausência de citações bibliográficas — não nos textos de sua autoria, mas nos nossos —, aproveitou uma rara oportunidade para nos acusar de ter ignorado a versão impressa da tese de Luis Silgo Gauche (1994, p. 112) no que ao NP em presença, então lido como **giscerbones**, diz respeito (Faria, 2002a, p. 131). Valha a verdade que esta obra de L. Silgo foi mencionada muito mais vezes em qualquer um dos nossos artigos do que na totalidade das páginas que, até hoje, Rodríguez Ramos deu à estampa. Ainda assim, é de inteira justiça reconhecermos que assiste toda a razão a Rodríguez Ramos neste particular, pelo que pedimos desculpa a Luís Silgo pela omissão, conquanto involuntária. Este último investigador bem sabe que nunca esteve nos nossos propósitos misturar as ideias de outrem (neste caso, as dele) com as nossas, porque esta é uma atitude típica de quem, como o doutor Jesús Rodríguez Ramos, não tem revelado, ao longo dos anos, qualquer preocupação em fazer passar por própria a produção alheia.

Vale a pena acrescentar que Rodríguez Ramos errou fragorosamente (nestas questões, todo o cuidado é pouco) ao atribuir a Silgo (1994, p. 91, 112) a responsabilidade exclusiva pela identificação do segmento **bones**, que, graças a Joan Ferrer (2006, p. 966, n. 46), sabemos agora ser **tanes**. A verdade é que o mesmo já havia sido por nós individualizado num texto (Faria, 1990-1991, p. 85) que tivemos o prazer de enviar a Luis Silgo em Maio de 1993. De resto, Rodríguez Ramos “esqueceu-se” de assinalar que em parte alguma Silgo declara expressamente que **giscerbones** constitui um NP (o emprego de maiúscula inicial é argumento falacioso), eximindo-se também a reconhecer que só o segmento **bon**, e não **bones**, foi objecto de lematização por parte deste investigador (Silgo, 1994, p. 91).

Não é de todo despropositado recordar que, ao contrário do que Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 269) quis fazer crer, não foi ele o autor da identificação do elemento onomástico **tanes** em **[-]jintanes** (Faria, 1995b, p. 324, 1997a, p. 110, 2001b, p. 96, 2004b, p. 184). Importa referir que **tanes** não figura na lista de elementos onomásticos elaborada por Jesús Rodríguez Ramos e recolhida num apêndice (n.º 1, p. 53-54) ao seu *Breve manual de epigrafia ibérica*. Tal apêndice foi considerado “bastante completo” pelo autor (Rodríguez Ramos, 1995, p. 15).

Em **tanes**, há que isolar o afixo **-es** (Silgo, 1994, p. 168; Faria, 1995b, p. 324, 1997a, p. 110, 2001b, p. 96, 2004b, p. 184), cuja existência, a despeito das hesitações evidenciadas por Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 269), implica necessariamente a do formante **tan**, agora bem patente à luz da identificação de **tanco** (C.4.1), NP que até há pouco tempo se lia **bonco** (Faria, 1994b, p. 67, 1998b, p. 235, 2002a, p. 135).

No “manual” que acabou de publicar, este cientista tentou transmitir a ideia de que **tanes** é o resultado da aglutinação de **ta+nes** (Rodríguez Ramos, 2005a, p. 31). Tal postura é, a nosso ver, completamente insustentável, porquanto não se conhecem quaisquer exemplos de *nes em escrita epicórica, ao invés do que se passa com **nes**, que surge como o primeiro componente de **neselducu** (Faria, 1994a, p. 49-50, n.º 261, 1994b, p. 67, 1995a, p. 80, 83-84, 1996, p. 166, 1997a, p. 106, 111, 1998c, p. 238, 2000a, p. 123, 137, 2000b, p. 65, 2001a, p. 207, 209, 2002a, p. 133, 135).

ildicira. Moedas. **ildi(r)cira*/**ilduícira* (Orcera, Jaén) ou **ildicr(oc)a*/**ilducroca* (Lorca, Múrcia)?.
CNH 356:1-2.

Arévalo (2005, p. 46) persiste destemidamente em tomar o partido da transliteração **iltiraka**, durante duas décadas que foi perfilhada por Untermann (*MLH I* 1, p. 329, *MLH III* 1, p. 188), até abandoná-la sucessivamente por **ilteraka** (Untermann, 1995a, p. 306), **iltiterka/iltitera** (Untermann, 1996b, p. 107, n. 30, 1996c, p. 709) e **iltirtera/iltirkira** (Untermann, 1998a, p. 80, n. 40). A obsoleta escolha de Arévalo implica forçosamente a rejeição daquela que consideramos, de longe, a transliteração mais plausível: **ildicira** (Faria, 1991a, p. 16, 1991b, p. 192, 1995a, p. 82, 1997a, p. 108, 2001b, p. 100-101, 2003a, p. 220-222, 2004b, p. 180, 2005a, p. 169).

ILVTVRGI/ILDITVRGENSE. Moedas. Cortijo de Maquiz (Mengíbar, Jaén). CNH 359:1-3, 5.

Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 42, 2005a, p. 60) tentou por duas vezes fazer derivar o NL latinizado *Iliturgis* (como se a sibilante final não passasse de um acrescento latino) de um suposto **ildir-turges*. Ao ignorar ostensivamente o testemunho aduzido por **arceturgi** (CNH 182:1-7) (Velaza, 1998, p. 73), Rodríguez Ramos não se podia ter dado conta de que **ildi-turgi** ou **ildu-turgi** constituem as duas únicas segmentações admissíveis para o presente NL (Faria, 2003b, p. 313). Não mais avisado esteve o professor De Hoz (2006, p. 74, n. 36) ao procurar a origem de *Iliturgi* em **Iliturga*, servindo-se para tanto de uma transliteração da legenda toponímica gravada em CNH 356:1-2, objecto da entrada anterior, que consideramos indefensável. Além do mais, não é nada seguro que se possa individualizar **durges** em **bindurges** (Sanmartí-Grego, 1988, p. 103), mesmo que se venha a demonstrar a ilegitimidade da analogia, ora contemplada, entre **bindur* e *Minurus* (Münzer, *RE XV*, col. 1989).

Ainda a respeito de NNL ibéricos, parece-nos completamente despropositado remeter SOSONTIGI/SOSINTIGI (*TIR*, J-30, p. 306), para **sosintigífs** (Rodríguez Ramos, 2002b [2003b], p. 42, 2005a, p. 60) ou, em alternativa, considerar este NL “turdetano” (Rodríguez Ramos, 2005a, p. 60; Correa, 2006a, p. 152), tendo em conta os numerosos paralelos que se podem aduzir para **tigi** no âmbito da onomástica ibérica (Faria, 2003a, p. 211): **agírtigi** (Allepuz, 2001, p. 179 e Fig. 85:6; Faria, 2002b, p. 234, 2003a, p. 211; Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 39 e n. 25), *Artigi* (*TIR*, J-30, p. 89), *ASTIGI* (*TIR*, J-30, p. 91; Pérez Vilatela, 1998, p. 162; Silgo, 2000a, p. 290; Faria, 2003a, p. 211) (**arstigi*?), **auntigi**/Αυ(ν)τιγ (Faria, 1992-1993, p. 278, 1993a, p. 158, 1994b, p. 66, 69, 2000a, p. 123, 2003a, p. 211; Pérez Vilatela, 1998), **biurtigi** (F.9.3; *MLH III* 1, p. 235), **bodotigi** (F.9.5; Silgo, 1994, p. 139; Faria, 1995a, p. 81, 2000b, p. 64, 2003a, p. 211), **Cantigi* (*TIR*, J-30, p. 175), Γοροτιγ (C1.9; *MLH III* 1, p. 235), *Lastigi* (*TIR*, J-29, p. 99), *LONT(igi)/LVNT(igi)/OLONTI(igi)/LONTI(gi)/LVNTI(gi)/OLONTI(gi)* (*TIR*, J-29, p. 119; Pérez Vilatela, 1998, p. 162; Faria, 2006, p. 124), *Saltigi* (Faria, 2000a, p. 138, 2003a, p. 211; Silgo, 2000a, p. 290) e *TIGINO* (K.3.11; Faria, 2002a, p. 137, 2003a, p. 211) (reconhecemos que este último caso é duvidoso, quanto mais não seja porque *tigi* surge como segmento inicial).

A propósito deste assunto, cremos que o professor J. A. Correa (2006a, p. 149-152) poderia ter evitado deixar em aberto a possibilidade de se incluir na toponímia tartesso-turdetana da Bética cerca de uma dúzia de NNL declaradamente ibéricos, não sendo esta — como ele bem sabe, de resto — a procedência linguística de nenhum dos oito invocados pelo autor em questão “para los que es seguro su origen no tartesio-turdetano” (Correa, 2006, p. 140, n. 18). Além dos que comportam o segmento *-tigi*, que foram também arrolados por Correa (excepto *Saltigi*), poderemos aduzir, entre outros NNL ibéricos, **Aiungi*, **Baesaro*, *BAILLO*, *ILIBERI*, *ILVTVRGI* e **Onigi*, sobre os quais nos temos debruçado em diversos artigos.

A despeito da perseverança demonstrada pelo professor Correa (2006a, p. 150), continuamos a crer que o NL CILPE (Correa, 2002, p. 150; Sims-Williams, 2006, p. 225) não é mais do que uma leitura incompleta da legenda monetária CILPES, que alterna com CILBE, CILBES, CILPIS e CILIP(?). Por outro lado, este NL pré-romano não deverá identificar qualquer cidade bética (*contra*, Correa, 2002, p. 150, 2006a, p. 150, 2006b, p. 104), estando com toda a certeza na origem do nome da actual cidade algarvia de Silves (Guerra, 1995, p. 107, 1998, p. 397-399, 2006a, p. 333-334; Faria, 1997b, p. 363-364, 1998e, p. 124, 2000a, p. 134-135, 2003b, p. 326; Marinho, 1998, p. 24-25, 27; Barceló, 2002, p. 495, 502, 507; Alarcão, 2005, p. 294-295).

[-]intaneś. Estela de arenito. Santa Perpètua de Mogoda (Barcelona). *MLH III 2 C.10.1.*

Deixando agora de lado o erro metodológico que consiste em qualificar como *duo nomina* — “duanómina/*duanomina*” não passa de uma aberração fabricada por Rodríguez Ramos (2005a, p. 49, 2005b, p. 30) a partir de “*tria nomina*” — um nome único (idionimo), acompanhado do patronímico (Dondin-Payre, 2005, p. 156), Rodríguez Ramos (2005b, p. 29, 30) precipitou-se ao restituir **[-]intaneś** em **[s]intaneś** (*MLH III 2*, p. 103; Faria, 1995b, p. 324), entrando em contradição com a postura mais prudente que assumiria páginas adiante (Rodríguez Ramos, 2005b, p. 36), e esquecendo, por consequência, a possibilidade, advogada por Untermann (*MLH III 2*, p. 103), de ser **[a?]intaneś** a restituição adequada.

Convém assinalar uma vez mais que o segundo componente de **[-]intaneś** é **taneś** (Faria, 1995b, p. 324, 1997, p. 110, 2001b, p. 96, 2004b, p. 184), e não **neś** (*contra*, ultimamente, Quintanilla, 1998, p. 103-104 e n. 55, 143, n. 46, 198 e n. 32, 204; Silgo, 2000a, p. 286, 288).

Ao contrário do que Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 269) quis fazer crer, não foi ele o autor da identificação do elemento onomástico **taneś** em **[-]intaneś** (Faria, 1995b, p. 324, 1997, p. 110, 2001b, p. 96, 2004b, p. 184). Importa referir que **taneś** não figura na lista de elementos onomásticos elaborada por Jesús Rodríguez Ramos e recolhida num apêndice (n.º 1, p. 53-54) ao seu *Breve manual de epigrafia ibérica*. Tal apêndice foi considerado “bastante completo” pelo autor (Rodríguez Ramos, 1995, p. 15).

Em **taneś**, há que isolar o afixo **-eś** (Silgo, 1994, p. 168; Faria, 1995b, p. 324, 1997, p. 110, 2001b, p. 96, 2004b, p. 184), cuja existência, a despeito das hesitações evidenciadas por Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 269), implica necessariamente a do formante **tan**, agora bem patente à luz da identificação de **tanco** (C.4.1), NP que até há pouco tempo se lia **bonco** (Faria, 1994b, p. 67, 1998b, p. 235, 2002a, p. 135).

No “manual” recentemente dado à estampa, este cientista tentou transmitir a ideia de que **taneś** consiste no resultado da aglutinação de **ta+neś** (Rodríguez Ramos, 2005a, p. 31). Tal postura é, a nosso ver, completamente insustentável, porquanto, como acabámos de ver, não se conhecem quaisquer exemplos de **neś* em escrita epicórica, ao invés do que se passa com **nes**, que surge como o primeiro componente de **neselducu** (Faria, 1994a, p. 49-50, n.º 261, 1994b, p. 67, 1995a, p. 80, 83-84, 1996, p. 166, 1997, p. 106, 111, 1998c, p. 238, 2000a, p. 123, 137, 2000b, p. 65, 2001a, p. 207, 209, 2002a, p. 133, 135).

laBini. Moedas. **laBini**/**Laminium* (Alhambra, Ciudad Real?). Villaronga, 2005, *passim*.

Porque já passámos por essa experiência, não podíamos estar mais de acordo com Leandre Villaronga (2005, p. 35) quando este iniciava o seu mais recente artigo com a seguinte observação: “[s]empre és interessant la publicació d’una moneda inèdita i més si es tracta d’una seca nova”. Mas se este é um depoimento de certo modo consensual, já a interpretação que Villaronga conferiu à nova legenda monetária merece as nossas maiores reservas.

Efectivamente, ao afiançar que a dita legenda “està escrita en characters de l’alfabet ibèric del nord”, instituindo, em conformidade com a decisão tomada, a transliteração **leuni**, Villaronga (2005, p. 36) não chegou sequer a contemplar a eventualidade, que para nós é uma certeza, de os signos dela integrantes pertencerem ao signário meridional. Decorre desta nossa convicção que **laBini** é a única transliteração aceitável.

A existência de uma estreita afinidade tipológica entre as moedas de **laBini** e as de **caástilo**, que não passou despercebida a Villaronga (2005, p. 36), seria razão suficiente para encarar, ao menos como hipótese, a partilha por ambas as cecas de um só sistema de escrita, mas este foi um passo que o supracitado numismata não quis dar.

Villaronga (2005, p. 36) não deixou de chamar a atenção para as inegáveis semelhanças entre o grafema que aqui surge em segundo lugar – um <a> análogo aos coligidos por Untermann (*MLH* III 1, p. 248, Tabelle 3), documentados em quatro inscrições ibéricas (*MLH* III 2, F.9.2, H.2.1, H.3.1 e H.5.1) – e o <e>, que ocorre em idêntica posição na legenda das primeiras emissões de *Sekaisa* (*sic*, por **segeida**, hipótese de Rodríguez Ramos [1997a, p. 194] por nós fundamentada pela primeira vez [Faria, 2003a, p. 218-219]). No entanto, a similitude detectada por Villaronga limita-se ao plano formal, já que os dois signos pertencem a distintos sistemas de escrita.

Não é de somenos importância assinalar que, enquanto **leuni**, lição prescrita por Villaronga, não encontra qualquer correspondência na toponímia indígena peninsular, a integração da legenda em causa no semi-silabário meridional possibilita a associação da transliteração obtida com o NL **Laminium*. Este designa uma cidade cuja provável situação geográfica se revela compatível com a circunstância de os três exemplares publicados por Villaronga (2005, p. 36) serem provenientes da província de Ciudad Real.

No tocante à magna e multissecular questão relativa à localização de **Laminium*, temos de reconhecer que a argumentação trazida à colação por L. A. Domingo (2000, p. 46-61) e pelos autores por ele citados com vista a abonar a situação de **Laminium* em Alhambra (Ciudad Real) nos pareceu mais convincente do que as contra-alegações produzidas tanto por Gonzalo Arias (1990, p. 5-6, 2004², p. 144-148) como por Jesús Rodríguez Morales (2000, p. 18-23), que vêm patrocinando lugares alternativos para a dita cidade: El Villar (Sotuelamos, Albacete), segundo Arias (2001, p. 32), e Daimiel (Ciudad Real), na perspectiva de Rodríguez Morales (2000, p. 18-23). Tais objecções assentam sobretudo num excessivo crédito concedido a fontes afectadas por gravíssimas transmissões textuais, designadamente o chamado *Itinerário de Antonino* (Domingo, 2000, p. 48) ou a *Geografia* de Ptolemeu (Domingo, 2000, p. 52). Nesta última (Ptol. 2.6.56) – numa clara confirmação de que quase tudo o que nos chegou de Ptolemeu sobre a *Hispania* deve ser encarado com extrema cautela (Gómez Fraile, 1997, p. 199-201, 204-205, 218-238, 2001 [2002], p. 77-78, 81-84, 93, n. 68) –, estatui-se a inclusão de **Laminium* em território carpetano, informação a que Rodríguez Morales (2000, p. 17) recorreu para refutar a identificação de **Laminium* com Alhambra. Trata-se, no entanto, de uma notícia equivocada, mercê da alta probabilidade, agora numismaticamente reforçada, de **laBini**, não obstante as dúvidas manifestadas por Gómez Fraile (2002, p. 111-112), conformar uma cidade oretana (Alföldy, 1987, p. 32-33 e n. 67), sendo ibérica, de acordo com o próprio Rodríguez Morales (2000, p. 17), a adscrição étnica expectável para a população estabelecida em época pré-romana no lugar onde hoje se situa Alhambra.

É justamente em benefício da localização de **laBini**/**Laminium* em Alhambra que poderá agora ser aduzida a supracitada comunhão de tipos monetários entre esta cidade e **caástilo**, mais um testemunho, a juntar a outros, das estreitas relações socio-económicas estabelecidas entre ambas, potenciadas, de resto, por uma importante ligação viária (Domingo, 2001, p. 161-163, 167-168).

Ao criticar a equiparação de **Laminium* a Alhambra, G. Arias (1990, p. 5-6) serviu-se de um argumento de natureza epigráfica, ao qual não pode ser reconhecido qualquer valor probatório. De facto, não nos parece razoável seleccionar numa inscrição latina fragmentária, descoberta em Alhambra (*CIL* II 3229), uma sequência de letras tão nebulosa como ANENSEMARCA (?) – talvez (parte d) a designação do *collegium* mencionado na linha anterior (Hübner, *ad CIL* II 3229) – e apresentá-la como nome (pré-)romano da localidade onde ocorreu o achado epigráfico.

Se a influência castulonense na emissão monetária laminitana, igualmente atestada nos restos arqueológicos e epigráficos recolhidos em Alhambra, serve os interesses de quem propugna a sua identificação com **Laminium*, já a atribuição da mesma cunhagem aos primeiros anos do século II a.C. (Villaronga, 2005, p. 36) é passível de ser esgrimida contra a localização, sufragada por Arias (2001, p. 32), de **Laminium-laBini* em El Villar, uma vez que o *terminus post quem* definido para a reocupação deste sítio arqueológico corresponde a meados do século I a.C. (Fernández Montoro [“Olcade”], 2001, p. 28-32).

No que concerne à proposta de localização de **Laminium* em Daimiel, Rodríguez Morales (2000, p. 21) é o primeiro a reconhecer que a mesma carece de quaisquer indícios arqueológicos; por outro lado, cremos que a tentativa empreendida no sentido de fazer remontar a **Laminium* o NL moderno Daimiel através das formas intermédias **Laimino* > **Laimeno* > **Laimen* > **Laimel* > **Laimiel* > **Daimiel* (Rodríguez Morales, 2000, p. 21) se afasta substancialmente da cautela que o estudioso em questão tem sabido manter em distintos ensaios toponímicos.

A equação **laBini**=**Laminium*, aqui advogada, não pode deixar de nos levar a questionar as várias etimologias que têm sido sugeridas para este NL. Aliás, todas elas partilham o pressuposto de que **Laminium* é um NL indo-europeu.

Em primeiro lugar, dando por garantido que o NL $\Lambda\alpha\mu\acute{\iota}\nu\iota\omicron\nu$, veiculado por Ptolemeu (2.6.56), constitui a helenização de **Laminium*, este deverá resultar da adaptação do NL indígena **laBini** à flexão latina dos nomes neutros de tema em *-o-*. Assim, admitindo que **Laminium* decorre da latinização de **laBini**, fica obviamente sem efeito a análise daquele NL como forma haplológica de um composto tatpuruşa **lama-minius* (Rodríguez Morales, 2000, p. 17).

A este propósito, importa sublinhar que a adequação de NNL ao sistema flexional latino não tem suscitado o interesse que a larga difusão deste fenómeno exigiria, podendo servir de introdução ao tema o interessante estudo dado à estampa há alguns anos por González Luis (2003).

Restará, em segundo lugar, averiguar se **laBini** representa graficamente /labini/ ou /lamini/, saindo esta última alternativa favorecida pelo NL tal como se documenta nas fontes nas fontes greco-latinas, todas do período imperial. Efectivamente, é bem plausível que **laBini** esteja por /lamini/, sendo este o resultado da nasalização da bilabial sonora por influência assimilatória de nasal alveolar existente na mesma palavra (Michelena, 1977², p. 268-269, 275). Idêntica alteração fonética terão sofrido *Mandonius* < **bandornios* (Rodríguez Ramos, 1999, p. 11), *Minurus* (Münzer, *RE* XV, col. 1989) < **bindur* (a relacionar com o NP **bindurges** [Sanmartí-Grego, 1988, p. 103], segmentável em **bindur-ges**), MONSVS < BONX(S)VS (Gorrochategui, 1984, p. 236-237) e *Muno* < *Bunus* (Orpustan, 1997³, p. 76, 2006, p. 88).

Seja como for, não estamos em condições de decidir se **Lamini* configura o NL original ou se, pelo contrário, consiste numa forma evolucionada de **Labini*. A verificar-se esta última hipótese, estaremos muito provavelmente perante um NL não-indo-europeu, talvez ibérico, a cotejar com **labeisíř** (F. 20.1), **labeisilduníř** (F.20.1; Untermann, *MLH* III 2, p. 535, 2002, p. 103; Faria, 1994b, p. 67, 1997, p. 110, 2006, p. 122; Moret, 1996, p. 20-21), LABITVLOSANI (Faria, 1995b, p. 326, 2003a, p. 222-223; Moret, 1996, p. 20-21, 2002, p. 97), *Scal(l)abi(s)* < **is(/s)ca(r)-labi* (Faria, 1994b, p. 70, 1998c, p. 230, 1999, p. 154, 2003a, p. 223) e **šntar-labi-Tan** [*sic*] (Fletcher e Bonet, 1991-1992,

p. 146-147; Faria, 1992-1993, p. 278, 1994b, p. 70, 1999, p. 154, 2003a, p. 223; Correa, 1999, p. 379).

A segmentação de **labini** em **laBin-i** proporciona a sua aproximação a outros NNL ibéricos que exibem o mesmo sufixo toponímico: **Ἀρσι*/**arsī*/**ar̥si* (Sancho, 1981, p. 69-70; *TIR* K-30, p. 54), **bacasi* (Faria, 2002, p. 123), **bilbili** (Faria, 1993a, p. 158-159; De Hoz, 1995b, p. 277), **boccori* (Sanmartín, 1995, p. 231-232), **igali* (De Hoz, 2002, p. 213; Faria, 2005b, p. 280, 281), **olosi* (*TIR* K/J-31, p. 114) e **orosi* (Faria, 1993a, p. 158; Silgo, 1994, p. 219).

Como é evidente, a escrita e a iconografia utilizadas na emissão monetária de que vimos tratando ajudam a consolidar a nossa proposta de uma procedência ibérica do NL em causa, parecendo apontar no mesmo sentido os testemunhos arqueológicos detectados em Alhambra — na convicção de que se trata da antiga **Laminium* (Domingo, 2001, p. 153-160) —, não obstante a inevitavelmente escassa popularidade de que estes gozam na escala dos marcadores étnicos.

Caso se venha a confirmar a origem ibérica de **Laminium* < **laBini**, fica *ipso facto* excluída uma origem indo-europeia do NL em questão, e consequentemente, a possibilidade de que o mesmo tenha derivado por sufixação a partir de *lama-*, hipótese que tem sido formulada com ligeiras variantes por diversos autores (Curchin, 1997, p. 268; Domingo, 2000, p. 61-63; García Alonso, 2003, p. 325-326).

laboiśaŕ. Jarra de cerâmica. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.294.

Joan Ferrer, na sequência da sua descoberta de que duas das variantes do silabograma até há pouco tempo interpretado como <bo> deviam ser transliteradas como <ta>, não deixou de assinalar (Ferrer, 2006, p. 961, n. 16; Ferrer e Garcés, 2006, p. 987, n. 8) que aumentam substancialmente as probabilidades de o signo em forma de espiga ser um alógrafo de <bo> (Solier, 1979, p. 73, 81; Untermann, *MLH* II, p. 45, 252, 1996b, p. 95-96).

A ser assim, mediante as devidas cautelas (que justificam a transliteração sublinhada do signo em discussão), é possível voltar (Faria, 2003a, p. 223) a identificar o NP **laboiśaŕ** na sequência **ilaboiśaŕYi**. Como paralelos para o segundo formante, poderemos aduzir **becoriśaŕ** (Cura, 1986, p. 203-204; Faria, 2003b, p. 317), **catuiśaŕ** e **iśaŕliCar** (Faria, 1995b, p. 82-83, 2003a, p. 223, 2004b, p. 178-179), sendo **biulabo** (Faria, 2002a, p. 238, 2003a, p. 223) < **biur-labo* o único NP em que se repete o primeiro componente.

Menos provável é a individualização do NP **ilaboiś**, não obstante a aparente ocorrência do eventual segundo elemento como componente inicial de **boiśtingiś** (G.1.1; Faria, 2002a, p. 130). Do mesmo modo, **ilagodin** (C.1.6), tido por Untermann (*MLH* III 1, p. 276, *MLH* III, 2, p. 28) como presumível NP, poderia partilhar com **ilaboiś** o formante inicial; dada, porém, a escassez de dados ao nosso dispor, esta comparação não possui, pelo menos por agora, grande solidez.

M C F. Moedas. *Castulo*. *CNH* 339:70, 71.

Sem citar qualquer bibliografia, Arévalo (2005, p. 40) admite que este conjunto de abreviaturas esteja por M(*etallum*) C(*astulonense*) F(*errarium?*, *fundo?*), recorrendo à mesma interpretação para desdobrar M Q F (*CNH* 338:59-61), como se houvesse alguma hipótese de o NL *Castulo* ter dado origem ao NE Q(*astulonense*) (*sic!*)...

Bem mais sensata nos parece a eventualidade de tanto M C F como M Q F abreviarem dois nomes de magistrados: M(*arcus*) C(...) F(*ilius*) (Faria, 1994a, p. 48, n.º 241) e M(*arcus*) Q(*ules...*?) F(*ilius*) (Beltrán Lloris, 1978, p. 207, n. 33; Faria, 1994a, p. 48, n.º 242). Cabe, contudo, a possibilidade de estarmos na presença de um só patronímico (e de um só magistrado), atendendo à oscilação QVL/CVL — ao contrário do que julga Arévalo (2005, p. 146, 241), não há qualquer

atestação do nexa **QVL** – que se detecta noutra emissão castulonense (Faria, 1994a, p. 46, n.º 221).

Dando por provado que, tal como sucede com mais alguns componentes onomásticos, **culeś** integra o afixo (maioritariamente em posição sufixal) **-eś** (Faria, 1995b, p. 326, 1997, p. 110, 2004b, p. 184), importa reter a possibilidade de **QVL/CVL** constituir, não uma abreviação do dito elemento antroponímico, mas a totalidade do que serviu de base à formação daquele. Além de figurar no NL **euštibaicula** (CNH 187:1-4; Faria, 2005b, p. 278), **cul** ocorre também nos NNP *Culchas* (Albertos, 1966, p. 92), **culdeceś** (C.25.5) e **culetaber** (C.2.3), a segmentar respectivamente em **cul-cas*, **cul-edē-ceś** e **cul-eta-ber**, podendo igualmente estar presente em **[cu?]letar** (Ferrer, 2006, p. 968, n. 54), caso a verdadeira restituição deste NP não seja **[śa?]letar** (Ferrer, 2006, p. 968, n. 54), **[ce?]letar** ou **[be?]letar**. A partir do cotejo com o NP **atareśaś** (Untermann, 1998b, p. 14), encarado como NL por Luján (2006, p. 482, 484), poderíamos adicionar àqueles **culesaś** (Untermann, 1999 [2000], p. 107) < **cul-esāś**, caso não fossem de monta as reservas que continuamos a manter relativamente à transliteração deste presumível NP (Faria, 2002a, p. 127).

Há alguns anos, voltámos a abordar o tema dos nomes dos magistrados castulonenses em escrita latina, em três artigos (Faria, 2001b, p. 102-103, 2002a, p. 132, 2003a, p. 225) que, tal como o que acima mencionámos (Faria, 1994a), foram omitidos por A. Arévalo (2005, p. 39-40) e J. de Hoz (2006, p. 86). Em qualquer deles, cremos ter contribuído para demonstrar a teoria de F. Beltrán Lloris (1978, p. 207, n. 18), segundo a qual IS CER(...?) (Faria, 1991a, p. 16, 1994a, p. 46, n.º 193), SACAL(...?) (Faria, 1994a, p. 53, n.º 327) e SOCED(...?) (Faria, 1994a, p. 54, n.º 352) constituem os nomes (ibéricos), simples ou, mais provavelmente, abreviados, de três magistrados distintos, contrariando a opinião que Untermann (*MLH* III 1 § 7.64), Correa (1992, p. 264, n. 27, 284), García-Bellido e Blázquez (1995, p. 396, 420, *DCPH* I, p. 146), Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 262, 267) e Ballester (2006, p. 366) expressaram sobre esta matéria. Do nosso ponto de vista, o único argumento esgrimido pelo professor De Hoz (1989, p. 560, 2006, p. 86) com o propósito de rejeitar a interpretação de SOCED(...?) como NP carece de uma base sólida (Faria, 1994a, p. 54, n.º 352, 2001b, p. 102-103, 2003a, p. 225).

Só por desconhecimento destes e de vários outros casos que foram alvo de tratamento circunstanciado em muitos dos nossos textos, se poderá sustentar que “no resulta esperable ver abreviado el nombre del magistrado encargado de la emisión sólo en su primer elemento” (Luján, 2006, p. 477).

nabarsosin. Placa de chumbo. Ampurias (La Escala, Gerona). *MLH* III 2 C.1.6.

Preferimos esta transliteração a **nalbesosin** (*MLH* III 1, p. 228; De Hoz, 1998, p. 120; Rodríguez Ramos, 2004, p. 248) pelos seguintes motivos: a) o <1> empregue por cinco vezes noutros vocábulos da mesma face do documento referido corresponde a l 1 (Λ) (*MLH* III 1, p. 247; Rodríguez Ramos, 1997b, p. 26), nada tendo que ver com a barra vertical correspondente ao terceiro signo, a que Untermann (*MLH* III 2, p. 26) atribui idêntico valor fonético; b) o elemento antroponímico *nalbe*, atestado em NALBEADEN (TSall) e em Ναλβε[–]ν (Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53), é o resultado da adaptação para latim e para grego de **Ylbe**; testemunham-no **Ylbeief** (C.3.2; Rodríguez Ramos, 1997, p. 26, n. 35, 2000, p. 28-29; Correa, 1999, p. 391; Faria, 2002b, p. 238, 2004a, p. 298) e **Ylbebiur**, NP que figura em duas estelas funerárias descobertas em trabalhos arqueológicos realizados há alguns anos em Badalona (Comas, Padrós e Velaza, 2001, p. 295-296). Estas linhas reproduzem com ligeiríssimas alterações os dois argumentos que expusemos noutra ocasião (Faria, 2001b, p. 101), e que foram premeditadamente silenciados no “manual” de Rodríguez Ramos (2005a, p. 121 e n. 2), apesar de este cientista da “escola de Barcelona” (em

cujos membros não é tarefa árdua detectar diversos graus de educação) ser deles conhecedor (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 265).

neselducu. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 344:17-25.

Depois da pormenorizada fundamentação que aduzimos (Faria, 1994a, p. 49-50, n.º 261, 1994b, p. 67, 1995a, p. 80, 83-84, 1996, p. 166, 1997, p. 106, 111, 1998c, p. 238, 2000a, p. 123, 137, 2000b, p. 65, 2001a, p. 207, 209, 2002a, p. 133, 135) em abono da transliteração **neselducu** (**nes-eldu-cu** < **nes-ildu-cu*), Arévalo (2005, p. 178) insiste em dar novo alento a **neseltuko**, sem se incomodar em fornecer as razões da sua preferência.

nisor. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Solier, 1979, p. 83.

Já demonstrámos por várias vezes que é **nisor**, e não **Canisor**, o NP que deve ser individualizado. **Canisor** é claramente o produto de uma leitura e de uma segmentação incorrectas, devendo as mesmas ser substituídas por **culešbur-Ce # nisor # badei-Ce** (Faria, 1994a, p. 67, 1999, p. 155, 2003b, p. 318). Não obstante, Rodríguez Ramos (2005a, p. 30, 132), no seu “manual”, persiste em registar o fantasmagórico NP **Canisor**, entrando em evidente contradição com a transliteração que, noutro lugar do mesmo livro, havia dado do texto em causa (Rodríguez Ramos, 2005a, p. 121).

ocelacom. Moedas. **Ocela* (Medinaceli, Soria, ou arredores). CNH 289:1-2.

Fomos nós que, pela primeira vez, transliterámos correctamente a presente legenda monetária, que, até 2003, se transliterava como **ocalacom** (Faria, 2003a, p. 224-225), e que, também pela primeira vez, identificámos **Ocela* com *Hocilis/Ocilis*, formação toponímica que, como muitas outras (v. *infra*), surge corrompida no relato de Apiano (*Hisp.* 47, 48) (Faria, 2003a, p. 224-225).

Tal como o próprio teve ocasião de nos comunicar, foi por simples distração que Amílcar Guerra (2006b, p. 812 e nn. 15 e 16) não mencionou nenhum destes dois factos. Trata-se, portanto (e outra coisa não seria de esperar), de uma omissão involuntária.

Efectivamente, o texto de Rodríguez Ramos (2001-2002 [2003], p. 431-432), o único que o professor Amílcar Guerra cita sobre qualquer destas duas questões (evidentemente inter-relacionadas) veio a lume largos meses depois do nosso (Faria, 2003a, p. 224-225).

Depois de tudo o que temos observado nos últimos três anos, não podemos deixar de reconhecer que terá sido excessiva a crítica que dirigimos (Faria, 2006, p. 124) a Blanca Prósper (2005, p. 296, n. 417) por ter citado o nosso artigo a seguir ao de Rodríguez Ramos, contrariando a verdadeira ordem cronológica de publicação dos estudos que propugnaram a transliteração **ocelacom**.

Falta ainda referir que, em face das numerosas deturpações toponímicas, por nós coligidas (e outras haverá), constantes do texto de Apiano (Faria, 2003a, p. 224) — *Astapa* (*Hisp.* 33), *Axeinion* (*Hisp.* 47), *Baicor* (*Hisp.* 65), *Baetyca* (*Hisp.* 24), *Belgeda* (*Hisp.* 100), *Carbona* (*Hisp.* 27), *Careona* (*Hisp.* 25), *Carmena* (*Hisp.* 58), *Carpessos* (*Hisp.* 2, 63), *Castax* (*Hisp.* 32), *Colenda* (*Hisp.* 99, 100), *Complega* (*Hisp.* 42, 43), *Coplanion* (*Hisp.* 88), *Eiscadia* (*Hisp.* 68), *Erisane* (*Hisp.* 69), *Ilyrgia* (*Hisp.* 32), *Itucca* (*Hisp.* 67), *Lersa* (*Hisp.* 24), *Malia* (*Hisp.* 77), *Nergobriga* (*Hisp.* 50), *Orso* (*Hisp.* 16, 65), *Oxthracae* (*Hisp.* 58), *Termentia* (*Hisp.* 76, 77), *Termesos* (*Hisp.* 99) e *Tribola* (*Hisp.* 62) —, consideramos injustificado o crédito, conquanto escasso, que Amílcar Guerra (2006b, p. 812 e n. 16) conferiu ao NL subjacente a **ocelacom**, tal como o mesmo foi transmitido por via literária: *Hocilis/Ocilis*.

Por razões óbvias, a transliteração da legenda toponímica em causa, cuja autoria temos o gosto de partilhar com Jesús Rodríguez Ramos, invalida a hipótese, que Guerra (2006b, p. 812) não exclui por completo, de *Ocela* se identificar com *Oncala* (Sória).

Também não podemos secundar o mesmo investigador (Guerra, 2006b, p. 812 e n. 18) na relação por ele contemplada, ainda que hipoteticamente, entre *Ocule(n)s(is)*, *origo* de uma *familia* mencionada em *CIL II Suppl.* 5888, e os nomes que, na sua forma simples ou em composição, ostentam o elemento **ocel-* ‘promontório’, ‘pico’, ‘esporão’, ultimamente tratado por Sims-Williams (2006, p. 31-32, 96-97) num livro em que dá mostras de ignorar por completo quer a nova transliteração da legenda objecto da presente entrada, quer a bibliografia sobre a mesma (Sims-Williams, 2006, p. 237, n. 89). Cremos que o adjectivo *OCVLE(n)S(is)* remete para **Oculus* (*TIR*, J-30, p. 328; Olivares, 2002, p. 119). Considerando, por um lado, que a *familia Ocule(n)s(is)* presta culto a uma divindade aquática (DEO AIRONI), e, por outro, que a epígrafe que o testemunha foi recolhida num local chamado ‘Fuente Redonda’ (*CIL II Suppl.* 5888; Almagro Basch, 1984, p. 83-84, n.º 15; Olivares, 2002, p. 118-119), é lícito concluir (Faria, 2003a, p. 224) que estamos perante um NL de filiação latina, ao qual deverá ser atribuído o significado de ‘manancial’, ‘olhos-de-água’ (Piel, 1947, p. 327; Silva, 1986, p. 278; Pellegrini, 1990, p. 225; Alarcão, 1996, p. 173, 176; Fernandes, 1997, p. 59; Nieto, 1997, p. 259-260; Sanz, 1997, p. 210; González Rodríguez, 1999, p. 277), em presumível relação com a nascente do rio Bedija (Olivares, 2002, p. 118).

odac(i)is. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 342:9.

Transliterado correctamente pela primeira vez, com algumas ressalvas, por De Hoz (1980, p. 314), **odac(i)is** (*CNH* 342:9), reproduzido na numária de *Obulco* em caracteres meridionais, é, com toda a probabilidade, um nome idêntico a *ODACIS*, gravado em latim nas moedas de **Beuipo* / **Cantnipo* (*CNH* 133:3-4) (Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17, 1992a, p. 43, 1993b, p. 139, 1994a, p. 51, n.ºs 283, 287, 1995a, p. 84, 1996, p. 167, 1998a, p. 252, 1998d, p. 232, 2000a, p. 138, 2001a, p. 208-209, 2001b, p. 101, 2001c, p. 213, 2003b, p. 325, 2005a, p. 170). Mesmo depois de termos encontrado um paralelo perfeito para este NP, a sobredita transliteração foi ignorada por Villaronga (*CNH*, p. 342, n.º 9), García-Bellido e Blázquez (1995, p. 419, n.º 278), Arévalo (1998, p. 210, 1999, p. 82, 2005, p. 166), Quintanilla (1998, p. 44, 57, n. 37), Velaza (1998, p. 74) e Rodríguez Ramos (2002c [2003c], p. 236, n. 13), que continuaram a preferir **otatiis**. Não obstante a clara distinção entre as respectivas grafias, igualmente observável no chumbo de Mogente, que foi invocado a despropósito por Arévalo (1999, p. 76), a numismata em causa teimou em prescrever a equivalência fonética entre o segundo silabograma de **bodilcois** e o terceiro de **odaciis**, que só uma completamente falaciosa reprodução gráfica deste último (Arévalo, 2005, p. 240) poderá legitimar.

oretaunin. Estela de calcário. Bicorp (Valência). *MLH* III 1 F.13.1; Silgo, 2000b.

Mantemos na íntegra tudo o que consignámos noutra ocasião sobre este NP trimembre (Faria, 2004b, p. 185), apesar de o mesmo não figurar na nossa mais recente lista de NNP incluíveis nesta categoria (Faria, 2006, p. 116-117). De igual maneira, nada temos a alterar quanto à identificação na supramencionada epígrafe de mais dois NNP ibéricos, **Cirinabar** (Faria, 2004b, p. 180), e **ešcertiban** (Faria, 2004b, p. 182).

Por conseguinte, na nossa óptica, nenhuma verosimilhança poderá ser reconhecida a outras transliterações/interpretações que têm sido conferidas a qualquer destes NNP nos últimos anos (Valladolid, 1998, p. 251, 255; Luján, *ad HEp* 11, 580; Velaza, 2005 [2006], p. 140, 150, n. 13; Ballesster, 2006, p. 365-366).

Aproveitamos esta oportunidade para adicionar **BARETA** (Albertos, 1966, p. 50; *IRPV* III, 13) (estatisticamente mais provável **bar-eta** do que **baí-eta**), **culetaber** (**cul-eta-ber**), **etaitor** (**eta-itor**) e [O]R_{CO}ETA (Piras, 2004, p. 1550-1551; Faria, 2005b, p. 285) a **oretaunin** e a **EDERETTA**, dois

NNP reconhecidamente detentores do componente **eta** (Faria, 2004b, p. 185). Em contrapartida, nenhuma relação deverá ser estabelecida entre o supracitado [O]RCOETA e o NL basco medieval *Orquieta* (1249), cujas atestações iniciais, datadas dos séculos XI e XII, denotam estranhas manipulações romanizantes (Orpustan, 1997³, p. 22-23, 1999, p. 59, 2006, p. 23).

Assinale-se, a propósito de EDERETTA, que o elemento inicial deste composto se repete em **edersoř** (Campmajó e Untermann, 1990, p. 78, 1993, p. 512) e em **ordinbereder** (Asensio, Miró, Sanmartí e Velaza, 2003 [2004], p. 201).

]. Placa de xisto. Ampurias (La Escala, Gerona). Aquilué e Velaza, 2001, p. 282; *HEp* 11, 264.

A reconstituição deste hipotético NP — **certabif** —, sugerida por Aquilué e Velaza, não pode merecer a nossa concordância, tendo em conta os vestígios da haste vertical e da extremidade direita pertencentes ao signo que precede <r> (Aquilué e Velaza, 2001, p. 280, Fig. 2). Admitimos apenas duas leituras para este lexema: **] ou **]. Depois de alguma hesitação (Faria, 2002b, p. 238), passámos a considerar mais plausível a segmentação de **] em **], **] (Faria, 2004a, p. 308, 2004b, p. 184) ou mesmo em **ar-tabif**.**********

tabif, o derradeiro elemento do composto, poderá ser cotejado com a segunda parte do NL **šaitabi**, caso **šai-tabif** constitua a segmentação adequada, apesar da semelhança formal entre este mesmo NL e a sequência morfemática **šaitalegice** (Campmajó e Untermann, 1993, p. 515). Não poderá, tão-pouco, ser negligenciada a analogia que é passível de ser estabelecida com **carestabicir** (F.13.3) e **tařtabiegi** (Campmajó e Untermann, 1990, p. 74, 77, 1993, p. 511, 519), NNP cujas segmentações mais plausíveis são, respectivamente, **cares-tabif-cir** e **tař-tabif-egi**. Importa ter em atenção que **šaitif** é uma das legendas toponímicas gravadas nos numismas de **šaitabi** (CNH 315:7-10), facto que nos leva a propor, com as devidas cautelas, a seguinte evolução toponímica, orientada no sentido da respectiva latinização: *šait(ab)if > **šaitabi** > SAETABI > SAETABIS (Faria, 2002b, p. 238).

A decisão de retomar aqui a nossa interpretação de **] deve-se à circunstância de esta ter sido inesperadamente votada ao silêncio por E. R. Luján (*ad HEp* 11, 264), nuns comentários que valem sobretudo pela apresentação de uma nova leitura da primeira linha da inscrição analisada: **]. Admitindo com este comentador que o ponto entre o segundo e o terceiro signos, ao servir de sinal de separação entre duas palavras, inviabiliza a identificação de **laceř** como elemento antroponímico, ganha maior verosimilhança a probabilidade, contemplada por Aquilué e Velaza (2001, p. 281), mas não por Luján, de ser <š>, e não <l>, o signo que actualmente ocupa a posição inicial da linha em apreço.****

]. Vaso de cerâmica. Molí d'Espígol (Tornabous, Urgell, Lérida). Cura, 1993, p. 219.

Nesta entrada, não iremos repetir o que já escrevemos sobre o presente NP, bem como sobre os paralelos susceptíveis de serem aduzidos para cada um dos elementos que o compõem (Faria, 1999, p. 156, 2003a, p. 215, 2003b, p. 321). Estas linhas visam tão-somente manifestar a nossa total perplexidade pelo facto de nenhum dos três títulos a que nos acabámos de reportar ter sido mencionado por Isabel Panosa (2006, p. 1052-1053).

sesin. Cossoiro de argila. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorrita, Saragoça). *MLH* IV K.1.6.

Continuamos a ter por praticamente certa a analogia que estabelecemos entre este NP e o NP hipocorístico paleobasco-ibérico SESENCO, documentado em escrita latina numa estela de xisto

descoberta em La Laguna (Villar del Río, Soria) (Gómez-Pantoja e Alfaro, 2001, p. 177-178), que reputamos segmentável em SESENCO < **sesin-co* (Faria, 2002a, p. 135). Contra este parecer concorrem os paralelos medievais aduzidos por Luis Silgo (1994, p. 233) (que aventou a transliteração **sesinarenYi** em prejuízo de **sesinenYi**), não documentando qualquer deles o processo de harmonização vocálica por nós preconizado para o caso em apreço.

J. de Hoz (2004-2005 [2006], p. 402 e n. 7), sem aduzir qualquer tipo de argumentação, colocou recentemente a hipótese de **sesin(e)** pertencer à onomástica celtibérica. De qualquer modo, não nos pareceria suficiente que tal atribuição linguística se estribasse exclusivamente no local do achado, caso tivesse sido este o motivo invocado.

Untermann (1996d, p. 182), na esteira de Beltrán Martínez e Fletcher (1991, p. 30), asseverou que **sesin** é variante de **sosin**. Rodríguez Ramos (2005a, p. 32), sem se dar ao incómodo de citar os seus predecessores, foi mais longe, ao apontar como paralelos para a oscilação vocálica *e/o* determinados NNL que, na nossa perspectiva, não passam de corruptelas ou cacografias propagadas pelos textos greco-latinos (Faria, 2005b, p. 279).

[ś]alaitibás. Moeda. Ceca desconhecida. *CNH* 50:87.

Conquanto Velaza (2005 [2006], p. 144, 150, n. 12) se tenha reportado a uma datação diversa, bem mais recente (Faria, 2002b, p. 239), o primeiro componente do NP em causa foi por nós identificado há mais de dez anos (Faria, 1995b, p. 328), muito antes de que tal identificação viesse a ser reclamada por Jesús Rodríguez Ramos (2002, p. 208, n. 7).

śibibolai. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 342:8.

Dando continuidade a uma postura que tivemos ocasião de lamentar noutros textos, Arévalo (2005, p. 161, n. 137) veio agora afiançar que **śibibolai** é “lectura unánimemente aceptada salvo en *CNH*, p. 342, n.º 8 donde el segundo signo se lee *tu*.”

Dadas as características da obra em causa, Alicia Arévalo foi obrigada a encurtar em demasia a história da transliteração de **śibibolai**, acabando irremediavelmente por distorcê-la. Além de terem ficado por citar os textos que a veicularam (De Hoz, 1980, p. 314; Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17, 1991b, p. 191, 1993a, p. 155, 1993b, p. 139, 1994b, p. 53, n.º 344, 1996, p. 172, 1998c, p. 236, 1998e, p. 125, 2000a, p. 138-139, 2001a, p. 207, 2003a, p. 226-227) — mas o mesmo já tinha sucedido na publicação da sua tese de doutoramento (Arévalo, 1999, p. 77) —, não divisámos nenhuma referência aos numerosos trabalhos que, desde 1980, além do de Villaronga (*CNH*), se fizeram eco da transliteração **śitubolai**: Siles, 1985, p. 309, n.º 1385; Arévalo, 1987, p. 32, 1989, p. 144; Curchin, 1990, p. 156, n.º 189; Untermann, *MLH* III 1, p. 231, 1996a, p. 130, 1994-1995 [1997], p. 139, *MLH* IV, p. 591; García-Bellido e Blázquez, 1995, p. 420, n.º 350; García-Bellido e Ripollès, 1997, p. 284; Collantes, 1997, p. 178; Villaronga, 1998b, p. 66; Quintanilla, 1998, p. 135; Velaza, 1998, p. 74; Rodríguez Ramos, 2000 [2001], p. 261, 268; Correa, 2001, p. 312; Dardaine, 2001, p. 41, quadro 3. A todos estes textos há agora que acrescentar o “manual” de Rodríguez Ramos (2005a, p. 133).

Podemos, pois, facilmente verificar que a supracitada asserção de Arévalo está bem longe de corresponder à verdade.

SISVCVRHIL. Moedas. **Beuipo*/**Cantnipo* (Alcácer do Sal, Setúbal). *CNH* 134:9.

Depois de tudo o que foi escrito acerca do presente NP (Faria, 1989, p. 85-87, 98-99, 1992a, p. 39, 43-44, 1993a, p. 152-153, 1999, p. 157-158), não conseguimos compreender como é possível sugerir a sua decomposição em SISV-CVRHIL (Vallejo, 2006, p. 116).

[-]staneés. Estela de arenito. Santa Perpètua de Mogoda (Barcelona). *MLH* III 2 C.10.1.

Deixando agora de lado o erro metodológico que consiste em qualificar como *duo nomina* — “duanómina/*duanomina*” não passa de uma aberração fabricada por Rodríguez Ramos (2005a, p. 49, 2005b, p. 30) a partir de “*tria nomina*” — um nome único (idiónimo), acompanhado do patronímico (Dondin-Payre, 2005, p. 156), Rodríguez Ramos (2005b, p. 29, 30) precipitou-se ao restituir **[-]staneés** em **[ba]staneés**, entrando em contradição com a postura mais prudente que assumiria páginas adiante (Rodríguez Ramos, 2005b, p. 36). Também Pérez Orozco (2004, p. 161) caiu na mesma tentação, não servindo de atenuante para uma tal ousadia — antes pelo contrário — a confrangedora escassez de títulos citados no artigo em causa.

Se bem que **[ba?]staneés** constitua a restituição estatisticamente mais provável, os paralelos existentes impedem a exclusão de outras propostas de identificação do segmento inicial, tais como **[be?]staneés**, **[bo?]staneés**, **[ge?]staneés** ou **[gi?]staneés** (Faria, 2001b, p. 96, 2002a, p. 129).

Convém assinalar uma vez mais que o segundo componente de **[-]staneés** é **taneés** (Faria, 1995b, p. 324), e não **nes* (*contra*, ultimamente, Quintanilla, 1998, p. 103-104 e n. 55, 143, n. 46, 198 e n. 32, 204; Silgo, 2000a, p. 286, 288).

Ao contrário do que Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 269) quis fazer crer, não foi ele o autor da identificação do elemento onomástico **taneés** em **[-]staneés** (Faria, 1995b, p. 324, 2001b, p. 96). Importa referir que **taneés** não figura na lista de elementos onomásticos elaborada por Jesús Rodríguez Ramos e recolhida num apêndice (n.º 1, p. 53-54) ao seu *Breve manual de epigrafía ibérica*. Tal apêndice foi considerado “bastante completo” pelo autor (Rodríguez Ramos, 1995, p. 15).

Em **taneés**, há que isolar o afixo **-eés** (Silgo, 1994, p. 168; Faria, 1995b, p. 324, 1997, p. 110, 2001b, p. 96, 2004b, p. 184), cuja existência, a despeito das hesitações evidenciadas por Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 269), implica necessariamente a do formante **tan**, agora bem patente à luz da identificação de **tanco** (C.4.1), NP que até há pouco tempo se lia **bonco** (Faria, 1994b, p. 67, 1998b, p. 235, 2002a, p. 135).

No “manual” que acabou de publicar, este cientista tenta transmitir a ideia de que **taneés** é o resultado da aglutinação de **ta+neés** (Rodríguez Ramos, 2005a, p. 31). Tal postura é, a nosso ver, completamente insustentável, porquanto não se conhecem quaisquer exemplos de **nes* em escrita epicórica, ao invés do que se passa com **nes**, que surge como o primeiro componente de **neselducu** (Faria, 1994a, p. 49-50, n.º 261, 1994b, p. 67, 1995a, p. 80, 83-84, 1996, p. 166, 1997a, p. 106, 111, 1998c, p. 238, 2000a, p. 123, 137, 2000b, p. 65, 2001a, p. 207, 209, 2002a, p. 133, 135).

tarticeles. Ânfora. Local indeterminado (proximidades de Lloret de Mar, Gerona). Vilá, 1996, p. 296.

Nesta entrada, não iremos repetir o que já escrevemos sobre o presente NP, bem como sobre os paralelos susceptíveis de serem aduzidos para cada um dos elementos que o compõem (Faria, 1997a, p. 110, 1999, p. 159, 2002a, p. 125). Estas linhas visam tão-somente manifestar a nossa perplexidade pelo facto de nenhum dos três títulos a que nos acabámos de reportar ter sido mencionado por Isabel Panosa (2006, p. 1050). Tão-pouco surgem citados por Javier de Hoz (2006, p. 79), que fornece uma transliteração equivocada do NP em questão.

tegiailcoés. Moedas. Ceca indeterminada. *CNH* 354:1-2.

Sem enveredarmos pela análise deste NP, evidentemente tributária da respectiva adscrição linguística, deixamos aqui, para informação de quem a parece desconhecer — é o caso de A. Arévalo (2005, p. 222 e n. 146) —, uma lista de trabalhos que veicularam a transliteração em apreço: Schmolli,

1966, p. 190, 191, n. 3; Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 18, 1994a, p. 54, n.º 360, 1996, p. 173, 2003a, p. 212, 2006, p. 125; Correa, 2001, p. 312.

Convém assinalar que Alicia Arévalo conhece o magistrado em causa por dois nomes: **G22b-kiailkos?** (Arévalo, 2005, p. 222) e **G21b-kiailkos** (Arévalo, 2005, p. 239).

tiberi. Moedas. **undigescen**. *MLH I 1 A.6-17*; *CNH 147:46-48*.

Não foi assim há tão pouco tempo que, aduzindo a bibliografia relevante, nos foi dado o ensejo de alvitarmos a possibilidade de **tiberi**, claramente a iberização do *praenomen Tiberius*, ter sido alvo de uma reinterpretção como NP ibérico, a segmentar em **ti-beri**, sem deixarmos de enumerar os NNP susceptíveis de servirem de *comparanda* (Faria, 1997a, p. 110-111).

Javier Velaza teria de estar, pois, completamente distraído quando declarou o seguinte sobre o elemento onomástico **beri**: “creemos que nunca hasta ahora se había puesto en relación con él la forma **tiberi**” (Velaza, 2005 [2006], p. 145).

É nossa convicção, no entanto, que **tiberi** e **luci** (A.6-11; *CNH 145:28*) conformam *praenomina* latinos iberizados. Não podemos deixar de secundar Untermann (1995a, p. 310, n. 48) quando reconhece que “no es fácil aceptar que magistrados municipales [*sic*] sólo se nombran por *praenomina*” mas o certo é que tal situação, análoga à do gaulês KUITOS LEKATOS (Adams, 2003, p. 186), pouco diverge da que se verifica com os seguintes magistrados de **castilo**/*Castulo*: L(*ucius*) QVL(*es...?*) F(*ilius*) (Faria, 1991a, p. 16, 1994a, p. 47, n.º 221), M(*arcus*) BAL(*ce...?*) F(*ilius*) (Faria, 1991a, p. 16, 1994a, p. 48, n.º 240), M(*arcus*) C(*...?*) F(*ilius*) (Faria, 1994a, p. 48, n.º 241), M(*arcus*) Q(*ules...?*) F(*ilius*) (Faria, 1994a, p. 48, n.º 242) e Q(*uintus*) ISC(*er...?*) F(*ilius*) (Faria, 1991a, p. 16, 1994b, p. 52, n.º 316). No mesmo sentido, valerá a pena invocar Q(*uintus*) CN(*aei*) F(*ilius*), se for esta a apropriada interpretação de um conjunto de abreviaturas gravadas em numismas de **igalescen** (*CNH 327:25-26*) (Faria, 2003a, p. 220, 2005c, p. 473).

Depois do que consignámos sobre o *praenomen* latino iberizado **tiberi** (Faria, 1997a, p. 111), só por ignorância (da língua portuguesa) ou por má-fé poderia Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 43) imputar-nos a defesa da atribuição de **tiberi** à antroponímia ibérica.

urCailbi. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH 344:17-25*.

Javier de Hoz (1980, p. 314) demonstrou que o NP até há 25 anos lido como **urCaildu** devia ler-se como **urCailbi**, transliteração que, a nosso ver, é inquestionável (Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17-18, 1991b, p. 191-192, 1992a, p. 44, 1993a, p. 154-155, 1993b, p. 139, 1994a, p. 56, n.º 403, 1994c, p. 123, 1995a, p. 85-86, 1995b, p. 328, 1998a, p. 254, 2000a, p. 140-141, 2000b, p. 64-65, 2001b, p. 103, 2004a, p. 300); mesmo assim, o NP que nos ocupa continuou a ser lido como **urCaildu** por García-Bellido (1982, p. 112), Albertos (1983, p. 880, 1987, p. 142), Siles (1985, p. 319, n.º 1441), Ripollès (1986a, p. 146, n.º 146, 1986b, p. 297, n.º 141), Tovar (1987, p. 20), Arévalo (1987, p. 33, 1989, p. 144, 1998, p. 210, 220, 1999, p. 81, 2005, p. 178, 241), Oroz (1990, p. 347), Untermann (*MLH III 1*, p. 224, 1995b, p. 741, 1998a, p. 77), Curchin (1990, p. 157, n.º 197), Beltrán Lloris (1993, p. 853), Gorrochategui (1984, p. 288, 1987, p. 440, 1993, p. 416, 1995, p. 224, 2006, p. 133), Quintanilla (1993, p. 732, 1998, p. 75, 88, 121, 131, 201, n. 43, p. 238, n. 60, p. 252), Correa (1994, p. 277), Silgo (1994, p. 178, 252), Villaronga (*CNH*, p. 344), García-Bellido e Blázquez (1995, p. 421), Caballos (1996, p. 199), Panosa (1996, p. 235), Velaza (1996, p. 43, 1998, p. 74), Villar (2000, p. 138, 214-215), Ballester (2002, p. 466, 478) e Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 262, 272, 2005a, p. 34, 80). Surpreendentemente, apenas Ballester (2002, p. 466, n. 65) e Arévalo (2005, p. 178) chegaram a apresentar **urCailbi** como variante de leitura, mas nenhum deles se referiu ao incontornável texto de Javier de Hoz (1980, p. 314).

Impõe-se ainda que introduzamos mais uma correcção ao citado texto do professor Ballester: “las objeciones de SILGO (*Arse* [1998/9]: 20) a un **-iltu** cuando no I miembro del compuesto” (Ballester, 2002, p. 466, n. 65) são nossas (Faria, 1993a, p. 155, 2000b, p. 64-65), não tendo sido nunca reivindicadas por aquele investigador; bem pelo contrário (Silgo, 2002-2003, p. 185-186). De resto, importa precisar que as nossas objecções se centravam na observação da inexistência de NNP ibéricos terminados em **-ildu** (Faria, 1993, p. 155). Rememorando aqui o que argumentámos noutra ocasião (Faria, 2000b, p. 64-65), a ocorrência numa emissão monetária de *Obulco* do NP **neselducu** < **nes-ildu-cu* (Untermann, *MLH* I 1, p. 338, 1979, p. 51, Tafel 5; Faria, 1991a, p. 18, 1994a, p. 49, n.º 261; 1995a, p. 83-84, 2000a, p. 137) prova que é esta, e não a de Silgo, a formulação correcta.

Joaquín Gorrochategui (2006, p. 133) não vacilou em alegar que o suposto NP **urCaildu**, além de figurar em moedas de *Obulco*, comparece também em Alcalá del Río. Além de assentar numa transliteração errada da legenda monetária, a pretensão, que não é nova (Siles, 1985, p. 319, n.º 1441; Untermann, 1987, p. 309, *MLH* III 1, p. 237-238, 1996d, p. 179; Quintanilla, 1998, p. 75, 131, 252; Arévalo, 1999, p. 81), de considerar VRCHAIL (*CIL* II 1087) a abreviação de outro NP, designadamente de **Vrchail(l/d)u*, já foi por nós devidamente desmontada em mais do que uma ocasião (Faria, 1993a, p. 154-155, 2000a, p. 141).

Não podemos deixar passar em claro a circunstância de o último signo da legenda ora analisada se encontrar notoriamente mal desenhado no índice n.º 2 da obra de Arévalo (2005, p. 241), enfermado da mesma deficiência o terceiro signo de **šibibolai** (Arévalo, 2005, p. 240). No “manual” de Rodríguez Ramos (2005a, p. 80), viemos encontrar o mesmo erro na reprodução do último signo de **urCailbi**, repetindo-se a mesma falta de destreza no desenho do silabograma com que principia o NP **bodilcos** (Rodríguez Ramos, 2005a, p. 80).

Aliás, os deméritos artísticos evidenciados por este cientista não constituem para nós nenhuma novidade. Efectivamente, foi a nós que nos coube detectar a indisfarçável discrepância entre a reprodução gráfica (Rodríguez Ramos, 1998, p. 228, Fig. 1) e a fotografia (Quesada, 1997, p. 129) do primeiro e do terceiro signos do NP incluído numa inscrição, hoje incompleta, gravada numa falcata procedente de Sagunto, transliterado por Jesús Rodríguez Ramos (1998) como **]banbalces**. A supracitada fotografia não deixa dúvidas sobre a forma semicircular de ambos, possuindo qualquer deles uma curvatura bem mais pronunciada do que a transmitida pelo desenho de Rodríguez Ramos, pelo que não nos parece aconselhável excluir **]gengelces** como transliteração alternativa (Faria, 2003a, p. 214). Mais problemática se nos afigura **ařkeikelbes**, transliteração professada por Untermann (2005, p. 1142, 1143), não sendo decerto alheia à mesma a posição contrária que este investigador tem tomado relativamente à existência, na escrita ibérica levantina, da notação gráfica da oposição de sonoridade entre oclusivas.

Aludíamos acima a “deméritos artísticos”, porque não podemos sequer imaginar que as transliterações **]banbalces**, **šitubolai** e **urkailtu** resultam de uma distorção interessada da realidade observada por Rodríguez Ramos. Não é menos verdade, todavia, que o laureado linguista da “escola de Barcelona”, durante o último decénio, outrora em espanhol e agora em catalão, quer em “manuais”, quer fora deles, desempenhou um papel fundamental na disseminação de **AGERNO**, **aituatiboř**, **arsbikiskuekiar**, **ařskitar**, **balarbas* < Βλερυας, **biulako**, **bi]urtibař**, **ildirbař**, **kanisoř**, **neseltuko**, **otatiis**, **SERGETON**, **TABBANTV** e **řofseiteker** (Faria, 2004a, p. 294-301, 2006, p. 115). E tudo isto ao mesmo tempo em que, na qualidade de perito em “cyberbullying”, nos dirigia as mais soezes injúrias e procedia à desqualificação do nosso trabalho, como se desta sorte pudesse legitimar a apropriação de excertos do mesmo.

urcetegeter. Dracma. Ceca indeterminada. CNH 47:69.

A partir da fotografia reproduzida por Leandre Villaronga (CNH 47:69, 1998a, lám. XXV, n.º 305), foi-nos possível identificar o NP ibérico **urcetegeter**, naturalmente segmentável em **urce-****tegeter** (Faria, 2003a, p. 227, 2004a, p. 310). No exemplar ilustrado por Villaronga, tivemos o ensejo de constatar uma dissemelhança entre o terceiro e o quinto signos da legenda, que consistia na orientação sinistrorsa deste último, tendo nós, na altura, chamado a atenção para a existência de outras dracmas ibéricas de imitação que documentavam esta anomalia ortográfica (CNH 44:54, 48:77, 51:100 e 52:105).

A recente publicação da foto de mais uma dracma da mesma emissão (Ripollès, 2005, p. 33, lám. 2, n.º 16) permite observar que, ao menos na peça ora divulgada, pertencente ao tesouro de Orpesa la Vella (Orpesa, Castelló), também o terceiro signo exhibe uma orientação levógrafa.

No excelente estudo que Pere Pau Ripollès dedicou ao supramencionado tesouro, não chegámos a encontrar qualquer alusão às apreciações que, em 2003, nos mereceu a legenda aqui reanalisada. Respondendo a uma mensagem electrónica que lhe havíamos enviado sobre o assunto, o Professor Ripollès teve a amabilidade de nos comunicar que, como não podia deixar de ser, se tratou de uma omissão involuntária.

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, J. N. (2003) - *Bilingualism and the Latin language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ALARCÃO, J. de (1996) - Aglomerados urbanos secundários romanos de Entre-Douro e Minho. In REBORDA, S.; LÓPEZ BARJA, P., eds. - *A cidade e o mundo: romanização e cambio social (Actas do Curso de Verán da Universidade de Vigo, celebrado en Xinzó de Limia, do 3 ó 7 de xullo de 1995)*. Xinzó de Limia: Concello, p. 167-180.
- ALARCÃO, J. de (2005) - Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia - III. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 293-311.
- ALBERTOS, M.ª L. (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Universidad.
- ALBERTOS, M.ª L. (1983) - Onomastique personnelle indigène de la Péninsule Ibérique sous la domination romaine. In TEMPORINI, H.; HAASE, W., eds. - *Aufstieg und Niedergang der römische Welt*. II.29.2. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 853-889.
- ALBERTOS, M.ª L. (1987) - Las aspiradas en las lenguas paleohispánicas: la F y la H. In GORROCHATEGUI, J.; MELENA, J. L.; SANTOS, J., eds. - *Studia palaeohispanica. Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Vitoria/Gasteiz, 6-10 mayo 1985)* [Veleia. Vitoria-Gasteiz. 2-3, 1985-1986], Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 139-143.
- ALFÖLDY, G. (1987) - *Römisches Städtewesen auf der neukastilischen Hochebene: ein Testfall für die Romanisierung*. Heidelberg: Carl Winter.
- ALLEPUZ, X. (2001) - *Introducció al poblament ibèric a La Plana de l'Arc (Castelló)*. Castelló: Diputació.
- ALMAGRO BASCH, M. (1984) - *Segóbriga II: inscripciones ibéricas, latinas paganas y latinas cristianas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- AQUILUÉ, X.; VELAZA, J. (2001) - Nueva inscripción ibérica ampuritana. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, p. 277-289.
- ARASA, F. (2001) - *La romanització a les comarques septentrionals del litoral valencià: poblament ibèric i importacions itàliques en els segles II-I aC*. València: Diputació Provincial de València.
- ARÉVALO, A. (1987) - Las monedas de Obulco. *Revista de Arqueología*. Madrid. 74, p. 29-35.
- ARÉVALO, A. (1989) - Las monedas bilingües de Obulco. *Gaceta Numismática*. Barcelona. 94-95, p. 143-147.
- ARÉVALO, A. (1998) - Las acuñaciones ibéricas meridionales, turdetanas y de Salacia en la Hispania Ulterior. In ALFARO ASINS, C. [et al.] - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, p. 194-232.
- ARÉVALO, A. (1999) - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela.
- ARÉVALO, A. (2005) - *Sylloge Nummorum Graecorum España. 2: Hispania. Ciudades del area meridional. Acuñaciones con escritura indígena*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional.
- ARIAS, G. (1990) - Laminio, Sisapone y Titulcia en Alföldy. *El Miliario Extravagante*. La Línea. 25, p. 5-6.
- ARIAS, G. (2001) - Apostillas obligadas. *El Miliario Extravagante*. Cortes de la Frontera. 77, p. 32.
- ARIAS, G. (2004²) - *Repertorio de caminos de la Hispania romana*. 2.ª ed. (1987¹). Ronda: Ed. do autor.
- ASENSIO, D.; MIRÓ, M.; SANMARTÍ, J.; VELAZA, J. (2003) [2004] - Inscripción ibérica sobre plomo procedente de Castellet de Banyoles (Tivissa). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, p. 195-204.

- AZCARATE, A.; GARCÍA CAMINO, I. (1996) - *Estelas e inscripciones medievales del País vasco (siglos VI-XI). I. País Vasco occidental*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- BALLESTER, X. (2002) - El substrato de la lengua ibérica en la Península Ibérica. In *Congrés Internacional de Toponímia i Onomàstica Catalanes (València, 18-21 d'abril de 2001)*. Paiporta, València: Denes Editorial, p. 459-488.
- BALLESTER, X. (2006) - Lengua ibérica: hacia un debate tipológico. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 361-392.
- BARCELÓ, C. (2002) - Adaptación arábica de los topónimos antiguos. In *Congrés Internacional de Toponímia i Onomàstica Catalanes (València, 18-21 d'abril de 2001)*. València: Denes Editorial, p. 489-510.
- BELASKO, M. (1999²) - *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: apellidos navarros*. 2.ª ed. (1996¹). Pamplona: Pamiela.
- BELTRÁN LLORIS, F. (1978) - Los magistrados monetales en Hispania. *Numisma*. Madrid. 150-155, p. 169-211.
- BELTRÁN LLORIS, F. (1993) - Un nuevo antropónimo vascónico en la comarca de las Cinco Villas (Zaragoza). In *Homenatge a Miquel Tarradell*. Barcelona: Generalitat de Catalunya [etc.], p. 843-858.
- BELTRÁN MARTÍNEZ, A. (1950) - *Curso de numismática, tomo I: numismática antigua, clásica y de España*. Cartagena: Universidad de Zaragoza.
- BELTRÁN MARTÍNEZ, A.; FLETCHER, D. (1991) - Dos inscripciones ibéricas de Contrebia Belaisca (Cabezo de las Minas, Botorrita, Zaragoza). In FREY, O.-H.; ROTH, H.; DOBIAT, C., eds. - *Festschrift für Wilhelm Schüle zum 60. Geburtstag überreicht von Schülern und Freunden*. Buch am Erlbach: VML Verlag Marie Leidorf, p. 29-39.
- BILLY, P.-H. (1993) - *Thesaurus Linguae Gallicae*. Hildesheim [etc.]: Olms-Weidmann.
- BOULLÓN, A. I. (1999) - *Antroponimia medieval galega (ss. VIII-XII)*. Tübingen: Niemeyer.
- BURNAND, Y.; LAMBERT, P.-Y. (2004) [2006] - Découvertes récentes d'une inscription gallo-latine sur pierre à Nasium - Naix-aux-Forges (Meuse). *Comptes Rendus de l'Académie des Inscriptions & Belles-Lettres*. Paris. 2 (avril-juin), p. 683-690.
- CABALLOS, A. (1996) - Testimonios recientes con referencia a municipios. In ORTIZ DE URBINA, E.; SANTOS, J., eds. - *Teoría y práctica del ordenamiento municipal en Hispania. Actas del Symposium de Vitoria-Gasteiz (22 a 24 de noviembre de 1993)* (Revisiones de Historia Antigua; 2). Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 177-210.
- CAMPMAJÓ, P.; UNTERMANN, J. (1990) - Nouvelles découvertes de graffiti ibériques en Cerdagne: les apports de la culture ibérique en Cerdagne - données contradictoires. In *La Romanització del Pirineu: homenatge al Prof. Dr. Miquel Tarradell i Mateu: 8è Col·loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà, del 8 a l'11 de desembre de 1988*. Puigcerdà: Institut d'Estudis Ceretans, p. 69-78.
- CAMPMAJÓ, P.; UNTERMANN, J. (1993) - Les influences ibériques dans la Haute Montagne catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 499-520.
- CARO BAROJA, J. (1945) - *Materiales para una historia de la lengua vasca en su relación con la latina*. Salamanca: Universidad.
- CHRISTOL, M.; MAUNÉ, S. (2003) - Une inscription sur bronze trouvée dans l'établissement gallo-romain de l'Auribelle-Basse à Pézenas (Hérault). *Gallia*. Paris. 60, p. 369-382.
- CIERBIDE, R. (1980) - Toponimia navarra: historia y lengua. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 34, p. 87-106.
- CIL II = HÜBNER, E. (1869) - *Corpus inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II Suppl. = HÜBNER, E. (1892) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Hispaniae Latinae Inscriptionum Supplementum*. Berlin: Georg Reimer.
- CNH = VILLARONGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COLLANTES, E. (1997) - *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.l.]: Arkis.
- COMAS, M.; PADRÓS, P.; VELAZA, J. (2001) - Dos nuevas estelas ibéricas de Badalona. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, p. 291-299.
- CORREA, J. A. (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AIQN*. Napoli. 14, p. 253-291.
- CORREA, J. A. (1994) - La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 24:2, p. 263-287.
- CORREA, J. A. (1999) - Las nasales en ibérico. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 375-396.
- CORREA, J. A. (2001) - Las silbantes en ibérico. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 305-318.
- CORREA, J. A. (2002) - La distribución de las oclusivas orales en la toponimia prerromana de la Bética. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 133-139.
- CORREA, J. A. (2006a) - Del alfabeto fenicio al semisilabario paleohispánico. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 137-154.

- CORREA, J. A. (2006b) - La cantidad vocálica en topónimos paleohispánicos meridionales latinizados. In *Las raíces clásicas de Andalucía: actas del IV Congreso de Estudios Clásicos*. Córdoba: CajaSur, p. 101-106.
- CURA, M. (1986) - Els grafits ibèrics d'Il·liberis (Elna, Rosselló). In *Protohistòria catalana: 6è Col·loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà, 7-9 de desembre de 1984*. Puigcerdà: Institut d'Estudis Ceretans, p. 203-209.
- CURA, M. (1993) - Nous grafits ibèrics en el Molí d'Espigol (Tornabous) i la cronologia de l'escriptura ibèrica a l'interior de Catalunya. *Gala*. Sant Feliu de Codines. 2, p. 219-225.
- CURCHIN, L. A. (1990) - *The local magistrates of Roman Spain*. Toronto: University of Toronto Press (Phoenix. Supplementary volume; 28).
- CURCHIN, L. A. (1996) - Five Celtic town-names in Central Spain. *Habis*. Sevilla. 27, p. 45-47.
- CURCHIN, L. A. (1997) - Celticization and Romanization of toponymy in Central Spain. *Emerita*. Madrid. 65:2, p. 257-279.
- DARDAINE, S. (2001) - La naissance des élites hispano-romaines en Bétique. In NAVARRO, M.; DEMOUGIN, S., eds. - *Élites hispaniques*. Paris: De Boccard, p. 23-44.
- DCPH I = GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; BLÁZQUEZ, C. (2001a) [2002a] - *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen I: introducción*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DCPH II = GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; BLÁZQUEZ, C. (2001b) [2002b] - *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen II: catálogo de cecas y pueblos que acuñan moneda*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DEGAVRE, J. (1998) - *Lexique gaulois: recueil de mots attestés, transmis ou restitués et de leurs interprétations, I*. Bruxelles: Société Belge d'Études Celtiques.
- DELAMARRE, X. (2003²) - *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental. 2^e édition revue et augmentée*. Paris: Errance.
- DOMINGO, L. A. (2000) - En torno al problema de la localización de *Laminium*: algunas aportaciones. *Hispania Antiqua*. Valladolid. 24, p. 45-63.
- DOMINGO, L. A. (2001) - La ciudad iberorromana de *Laminium*: evolución y municipalización. *Hispania Antiqua*. Valladolid. 25, p. 151-170.
- DONDIN-PAYRE, M. (2005) - L'expression onomastique de l'identité autochtone en Afrique du Nord antique. In BRIAND-PONSART, C., ed. - *Identités et cultures dans l'Algérie antique*. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, p. 155-177.
- FARIA, A. M. de (1989) - A numária de **Cantnipo*. *Conimbriga*. Coimbra. 28, p. 73-99.
- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1991b) - [Recensão de] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1992-1993) - Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 13-14, p. 277-279.
- FARIA, A. M. de (1992a) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 39-48.
- FARIA, A. M. de (1992b) - [Recensão de] JAVIER VELAZA, *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976-1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. Coimbra. 31, p. 191-195.
- FARIA, A. M. de (1993a) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, p. 145-161.
- FARIA, A. M. de (1993b) - [Recensão de] CURCHIN, Leonard A. - *The Local Magistrates of Roman Spain* (Phoenix, Supplementary volume; 28), Toronto: University of Toronto Press, 1990, 275 p. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 136-140.
- FARIA, A. M. de (1994a) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, p. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1994b) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1994c) - [Recensão de] Leandre VILLARONGA, *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994, XXII + 519 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 3, 1994, p. 121-124.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.
- FARIA, A. M. de (1995b) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova série. 16, p. 323-330.
- FARIA, A. M. de (1996) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 149-187.
- FARIA, A. M. de (1997a) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 105-114.
- FARIA, A. M. de (1997b) - Moedas da época romana cunhadas no actual território algarvio. In FARIA, A. M. de; BARATA, M. F., eds. - *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 361-371.
- FARIA, A. M. de (1998a) - [Recensão de] Javier VELAZA FRÍAS, *Epigrafia y lengua ibéricas* [Cuadernos de Historia; 16], Madrid: Arco Libros, S. L., 1996, 69 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 37, 1998, p. 267-271.
- FARIA, A. M. de (1998b) - [Recensão de] QUINTANILLA, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. 325 p. (Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filologías Clásicas. Anejos. Serie Minor; 11). ISBN 84-8373-041-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 232-240.
- FARIA, A. M. de (1998c) - [Recensão de] SILGO, L. (1994), *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 271 p. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 228-234.

- FARIA, A. M. de (1998d) - [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, S.A. Editores, 1998. 441 p. ISBN 84-8571117-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 241-256.
- FARIA, A. M. de (1998e) - [Recensão de] COLLANTES PÉREZ ARDÁ, E., 1997, *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.l.]: Arkis, 395 + XLIX pp. *Vipasca*. Aljustrel. 7, p. 123-126.
- FARIA, A. M. de (1998f) - [Recensão de] UNTERMANN, Jürgen, *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen [Inscripfen]*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert, 1997, 758 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 7, p. 127-129.
- FARIA, A. M. de (1999) - Novas notas de onomástica hispánica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 153-161.
- FARIA, A. M. de (2000a) - Onomástica paleo-hispánica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 121-151.
- FARIA, A. M. de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 61-66.
- FARIA, A. M. de (2001a) - [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. 362 p. LX Estampas. ISBN 84-86711-08-8. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 206-212.
- FARIA, A. M. de (2001b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 95-107.
- FARIA, A. M. de (2001c) - [Recensão de] RIPOLLÈS, P. P.; ABASCAL, J. M. - *Monedas hispánicas: catálogo del Gabinete de Antigüedades*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2000 464 p. ISBN 84-89512-67-1. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 213-216.
- FARIA, A. M. de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 121-146.
- FARIA, A. M. de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 233-244.
- FARIA, A. M. de (2003a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 211-234.
- FARIA, A. M. de (2003b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 313-334.
- FARIA, A. M. de (2004a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 273-315.
- FARIA, A. M. de (2004b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 175-192.
- FARIA, A. M. de (2005a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 163-175.
- FARIA, A. M. de (2005b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 273-292.
- FARIA, A. M. de (2005c) - [Recensão de] RIPOLLÈS, Pere Pau - *Sylloge Nummorum Graecorum Sweden II. The Collection of the Royal Coin Cabinet, National Museum of Economy, Stockholm. Part 6: the G.D. Lorchs Collection*. Stockholm: The Royal Academy of Letters History and Antiquities, 2003. 113 pl. ISBN 91-7402-335-7. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 472-479.
- FARIA, A. M. de (2006) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, p. 115-129.
- FERNANDES, A. de A. (1997) - *Paróquias suevas e dioceses visigóticas*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense.
- FERNÁNDEZ MONTORO [OLCADE], J. L. (2001) - Exploraciones arqueológicas: La Pasadilla-Los Castellones. *El Miliario Extravagante*. Cortes de la Frontera. 77, p. 28-32.
- FERRER, J. (2006) - Noverats sobre el sistema dual de diferenciació gràfica de les oclusives sordes i sonores. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 957-982.
- FERRER, J.; GARCÉS, I. (2006) - El plom ibèric d'Olríols (Sant Esteve de Llitera, Osca). In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 983-993.
- FLETCHER, D.; BONET, H. (1991-1992) - Bastida VI. Nuevo plomo escrito de la Bastida de les Alcuses (Mogente, Valencia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 7-8, p. 143-150.
- GARCÍA ALONSO, J. L. (2003) - *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P. (1982) - *Las monedas de Cástulo con escritura indígena. Historia numismática de una ciudad minera*. Barcelona: Asociación Numismática Española.
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P. (1990) - *El tesoro de Mogente y su entorno monetar*. València: Conselleria de Cultura, Educació i Ciència.
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; BLÁZQUEZ, C. (1995) - Formas y usos de las magistraturas en las monedas hispánicas. In GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: Ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), p. 381-427.
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; RIPOLLÈS, P. P. (1997) - [Comentários ao catálogo de moedas ibéricas]. In *Les Ibères*. Paris: Association française d'Action Artistique; Madrid: Ministerio de Educación y Cultura; Barcelona: Fundación "la Caixa"; Bonn: Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland, p. 272-287.
- GÓMEZ FRAILE, J. M.ª (1997) - La Geografía de la Hispania Citerior en C. Tolomeo: análisis de sus elementos descriptivos y aproximación a su proceso de elaboración. *Polis*. Alcalá de Henares. 9, p. 183-247.

- GÓMEZ FRAILE, J. M.^a (2001) [2002] - Reflexiones críticas en torno al antiguo ordenamiento étnico de la Península Ibérica. *Polis*. Alcalá de Henares. 13, p. 69-98.
- GÓMEZ FRAILE, J. M.^a (2002) - Elementos para la definición del espacio geográfico de los carpetanos. *Revista de la CECEL*. Valencia. 2, p. 93-140.
- GÓMEZ-PANTOJA, J.; ALFARO, E. (2001) - Indigenismo y romanización en las tierras altas de Soria. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 169-187.
- GONZÁLEZ LUIS, F. (2003) - Oscilaciones de género y de declinación en la latinización de topónimos. In NIETO IBÁÑEZ, J.-M.^a, ed. - *Lógos Hellenikós: homenaje al Profesor Gaspar Morocho Gayo*. Vol. 1. León: Universidad, p. 139-148.
- GONZÁLEZ OLLÉ, F. (1997) - La función de Leire en la génesis y difusión del romance navarro, con noticia lingüística de su documentación (I). *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 34, p. 653-708.
- GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, A. (1999) - *Diccionario etimológico de la toponimia mayor de Cantabria*. Santander: Librería Estudio.
- GORROCHATEGUI, J. (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI, J. (1987) - Situación lingüística de Navarra y sus aledaños en la antigüedad a partir de fuentes epigráficas. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22-27 septiembre 1986) 2. Comunicaciones*. Pamplona: Institución Príncipe de Viana (*Príncipe de Viana*, Anejo 7), p. 435-445).
- GORROCHATEGUI, J. (1993) - Las lenguas de los pueblos paleohispánicos. In ALMAGRO-GORBEA, M.; RUIZ ZAPATERO, G., eds. - *Los Celtas: Hispania e Europa*. Madrid: Actas, p. 409-429.
- GORROCHATEGUI, J. (1995) - Los Pirineos entre Galia e Hispania: las lenguas. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 12, p. 181-234.
- GORROCHATEGUI, J. (2006) - Onomástica vascona y aquitana: elementos para el conocimiento de la historia antigua de Navarra. In ANDREU, J., ed. - *Navarra en la Antigüedad: propuesta de actualización*. Pamplona: Gobierno de Navarra, p. 111-134.
- GOZALBES, E. (2000) - *Caput Celtiberiae: la tierra de Cuenca en las fuentes clásicas*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha; Diputación.
- GUERRA, A. (1995) - *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Colibri.
- GUERRA, A. (1998) - *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular*. 2 vols. Lisboa: Ed. do Autor (tese policopiada).
- GUERRA, A. (2006a) - As fontes clássicas relativas ao território do actual Algarve: uma perspectiva crítica sobre o seu contributo histórico. *Xelb. Silves*. 6, p. 329-338.
- GUERRA, A. (2006b) - Povos, cultura e língua no Ocidente peninsular: uma perspectiva, a partir da toponomástica. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 793-822.
- HEp* = *Hispania Epigraphica*. Madrid: Universidad Complutense.
- DE HOZ, J. (1980) - Crónica de lingüística y epigrafía prerromanas de la Península Ibérica: 1979. *Zephyrus*. Salamanca. 30-31, p. 299-323.
- DE HOZ, J. (1989) - El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional. In AUBET, M.^a E., ed. - *Tartessos: arqueología protohistórica del Bajo Guadalquivir*. Sabadell: AUSA, p. 523-587.
- DE HOZ, J. (1992) - La inscripción de la falcata. In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación (Serie de Trabajos Varios; 89), p. 330-338.
- DE HOZ, J. (1995a) - Áreas lingüísticas y lenguas vehiculares en el extremo Mediterráneo occidental. In LANDI, A., ed. - *L'Italia e il Mediterraneo antico. Atti del Convegno della Società Italiana di Glottologia (Fisciano-Amalfi-Raito, 4-5-6 novembre 1993)*. Pisa: Giardini, p. 11-44.
- DE HOZ, J. (1995b) - El poblamiento antiguo de los Pirineos desde el punto de vista lingüístico. In BERTRANPETIT, J.; VIVES, E., eds. - *Muntanyes i població: el passat dels Pirineus des d'una perspectiva multidisciplinària*. Andorra La Vella: Centre de Trobada de les Cultures Pirenènques, p. 271-297.
- DE HOZ, J. (1998) - Koiné sin Alejandro: griego y lenguas anhelénicas en el Mediterráneo occidental durante la época helenística. In BRIXHE, Cl., ed. - *La koiné grecque antique III: les contacts*. Nancy: Association pour la Diffusion de la Recherche sur l'Antiquité (ADRA), p. 119-136.
- DE HOZ, J. (2002) - La leyenda monetar *ikalesken* (MLH A.95). In *Actas del X Congreso Nacional de Numismática (Albacete, del 28 al 31 de octubre de 1998)*. Madrid: Museo Casa de la Moneda, p. 212-219.
- DE HOZ, J. (2004-2005) [2006] - Fusayola de Segeda. *Kalathos*. Teruel. 22-23, p. 399-405.
- DE HOZ, J. (2006) - Epigrafías y lenguas en contacto en la Hispania antigua. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 57-97.
- IRCP* = ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) - *Inscrições romanas do conventus Pacensis*. Coimbra: Universidade.
- IRIGOIEN, A. (1997) - Las lenguas de los vizcaínos: antroponomía y toponimia medievales. In *Opera selecta*. Bilbao: Universidad de Deusto, p. 373-429.
- IRPV III* = CORELL, J. (2006) - *Inscripcions romanes del País Valencià. III: Saetabis i el seu territori*. València: Universitat.
- IRSAT* = CORELL, J.; GÓMEZ FONT, X. (2002) - *Inscripcions romanes del País Valencià. I: Saguntum i el seu territori*. València: Universitat.

- LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. (1988) - Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 19-59.
- LORRIO, A.; VELAZA, J. (2006) - La primera inscripción ibérica sobre plomo. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 1031-1048.
- LUJÁN, E. (2006) - Los topónimos en las inscripciones ibéricas. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 471-489.
- MARINHO, J. R. (1998) - As moedas hispano-romanas do território português. Achados recentes e algumas considerações. In *IV Congresso Nacional de Numismática, 23 a 25 de Julho. Actas*. Lisboa: Associação Numismática de Portugal, p. 21-28.
- MICHELENA, L. (1977²) - *Fonética histórica vasca*. 2.ª ed. (1961¹). San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MICHELENA, L. (1997⁵) - *Apellidos vascos*. 5.ª ed. (1953¹). San Sebastián: Txertoa.
- MLH I 1 = UNTERMANN, J. (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH II = UNTERMANN, J. (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, J. (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV: die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLHV 1 = WODTKO, D. (2000) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V 1: Wörterbuch der keltiberischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MORET, P. (1996) - Le nom de Toulouse. *Pallas*. Toulouse. 44, p. 7-23.
- MORET, P. (2002) - Le nom de Toulouse. In PAILLER, J.-M., ed. - *Tolosa. Nouvelles recherches sur Toulouse et son territoire dans l'Antiquité*. Rome: École Française de Rome, p. 93-99.
- MUSEU DE BELLES ARTS DE CASTELLÓ (s.d.) - El plom ibèric del Pujol de Gasset < <http://www2.dipc.es/museos/Bellesarts/documentos/PujoldeGasset6.pdf> > [consultado em 10/08/06].
- NIETO, E. (1997) - *Breve diccionario de topónimos españoles*. Madrid: Alianza.
- OLIVARES, J. C. (2002) - *Los dioses de la Hispania céltica*. Madrid: Real Academia de la Historia; Alicante: Universidad.
- OPEL 2 = LÖRINCZ, B. (2000) - *Onomasticon Provinciarum Europae Latinarum II: Cabalicius – Ixus*. Wien: Forschungsgesellschaft Wiener Stadtarchäologie.
- OROZ, F. J. (1990) - Escarceos etimológicos. In VILLAR, F., ed. - *Studia indogermanica et palaeohispanica in honorem A. Tovar et L. Michelena*. Salamanca: Universidad, p. 331-349.
- ORPUSTAN, J.-B. (1997³) - *Toponimie basque: noms de pays, communes, hameaux et quartiers historiques de Labourd, Basse-Navarre et Soule*. 3^e éd. (1990¹). Bordeaux: Presses Universitaires.
- ORPUSTAN, J.-B. (1999) - *La langue basque au Moyen Age (IX^e-XV^e siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- ORPUSTAN, J.-B. (2006) - *Nouvelle toponimie basque: noms de pays, vallées, communes et hameaux historiques de Labourd, Basse-Navarre et Soule*. Bordeaux: Presses Universitaires.
- PANOSA, M.ª I. (1996) - Elementos sobre la fase de bilingüismo y latinización de la población ibérica. In VILLAR, F.; ENCARNACÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana: actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 217-246.
- PANOSA, M.ª I. (2001) - Novedades de epigrafía ibérica en Cataluña y algunos aspectos metodológicos. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 511-540.
- PANOSA, M.ª I. (2006) - Nous documents ibèrics de l'àrea catalana. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 1049-1066.
- PELLEGRINI, G. B. (1990) - *Toponomastica italiana*. Milano: Hoepli.
- PÉREZ OROZCO, S. (2004) - Sobre la sintaxis del ibérico. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 95, p. 159-164.
- PÉREZ VILATELA, L. (1992) - Ibérico "egiar" en un epígrafe de Caminreal (Teruel). In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación, p. 351-360.

- PÉREZ VILATELA, L. (1998) - *Au(n)tigi* d'après un plomb greco-ibère de Sagonte (Valence). *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 33:2, p. 159-163.
- PIEL, J. M. (1947) - As águas na toponímia portuguesa. *Boletim de Filologia*. Lisboa. 8, p. 305-342.
- PIRAS, G. (2004) - Un *miles* della *cohors III Aquitanorum* in un'iscrizione funeraria proveniente da Ardara (Sassari): nota preliminare. In KHANOUSSI, M.; RUGGERI, P.; VISMARA, C., eds. - *L'Africa romana. Ai confini dell'Impero: contatti, scambi, conflitti. Atti del XV Convegno di Studio, Tozeur, 11-15 dicembre 2002*. Roma: Carocci, p. 1543-1556.
- PRÓSPER, B. (2005) - Estudios sobre la fonética y la morfología de la lengua celtibérica. In VILLAR, F.; PRÓSPER, B. - *Vascos, Celtas e Indo-europeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, p. 153-364.
- QUESADA, F. (1997) - Des armes pour des morts. In *Les Ibères*. Paris: Association française d'Action Artistique; Madrid: Ministerio de Educación y Cultura; Barcelona: Fundación "la Caixa"; Bonn: Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland, p. 125-133.
- QUINTANILLA, A. (1993) - Sobre el vocalismo de la lengua ibérica. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 727-737.
- QUINTANILLA, A. (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco (*Veleia*. Anejos. Serie Minor; 11).
- QUINTANILLA, A. (2006) - Palabras de contenido verbal en ibérico. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 507-519.
- RAMÍREZ, J. L. (1987) - Toponimia vascona y toponimia navarra: su contribución para ponderar los efectos del proceso de aculturación. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22-27 septiembre 1986)*, 2. *Comunicaciones*. Pamplona: Institución "Príncipe de Viana" (*Príncipe de Viana*; Anejo 7), p. 563-576.
- RAMÍREZ, J. L. (1988a) - Vitalidad indígena ante el proceso de romanización: el testimonio de los topónimos en "ain". In *II Congreso Mundial Vasco. Congreso de Historia de Euskal Herria, I sección. Tomo I*. Vitoria-Gasteiz: Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco, p. 179-192.
- RAMÍREZ, J. L. (1988b) - Antroponimia vascona y altomedieval navarra, factor de conocimiento étnico-lingüístico de un pueblo. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22-27 septiembre 1986)*, 3. *comunicaciones, Edad Media (Príncipe de Viana; Anejo 8)*. Pamplona: Institución "Príncipe de Viana", p. 147-159.
- RAMÍREZ, J. L. (2005) - Origen y evolución del apellido de los Navarros. In RAMÍREZ, J. L., ed. - *La onomástica en Navarra y su relación con la de España: actas de las Primeras Jornadas de Onomástica (Pamplona, 2003)*. Pamplona: Universidad Pública de Navarra, p. 147-175.
- RE XV = *Paulys Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft. Fünftehnter Band: Mazaioi – Molaris lapis*. München: Alfred Druckenmüller, 1980.
- RIPOLLÈS, P. P. (1986a) - *Monete ispaniche nelle collezioni italiane. Parte I*. Roma: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali.
- RIPOLLÈS, P. P. (1986b) - *Monete ispaniche nelle collezioni italiane. Parte II*. Roma: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali.
- RIPOLLÈS, P. P. (2005) - El tesoro d'Orpesa la Vella (Orpesa, Castelló). *Acta Numismática*. Barcelona. 35, p. 15-34.
- RODRÍGUEZ MORALES, J. (2000) - *Laminium* y la vía 29 del Itinerario de Antonino: *per Lusitaniam ab Emerita Caesarea Augusta. El Miliario Extravagante*. Cortes de la Frontera. 73, p. 16-23.
- RODRÍGUEZ MORALES, J. (2005) - La divisoria de los términos de las ciudades del centro de la Península. In BRAVO, G.; GONZÁLEZ SALINERO, R., eds. - *La aportación romana a la formación de Europa: naciones, lenguas y culturas*. Madrid: Signifer, p. 105-140.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1995) - *Breve manual de epigrafía ibérica*. Barcelona: Societat Catalana d'Arqueologia.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1997a) - Sobre el origen de la escritura celtibérica. *Kalathos*. Teruel. 16, p. 189-197.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1997b) - Primeras observaciones para una datación paleográfica de la escritura ibérica. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 70, p. 13-30.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1998) - Sobre la lectura y la paleografía de la inscripción de la falcata saguntina MPV 314. *Pyrenae*. Barcelona. 29, p. 227-230.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1999) - Introducción a la escritura ibérica: variante levantina. *Revista de Arqueología*. Madrid. 218, p. 6-13.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) - Vocales y consonantes nasales en la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 22:2, p. 25-37.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) [2001] - Aproximación fonético-estadística a los compuestos nominales de la lengua íbera. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló. 21, p. 259-270.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001-2002) [2003] - Okelakom, Sekeida, Bolsken. *Kalathos*. Teruel. 20-21, p. 429-434.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002) - La inscripción sobre escultura de Cerro de los Santos G.14.1 y los problemas de homomorfía en la escritura íbera meridional. *Habis*. Sevilla. 33, p. 203-211.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002a) [2003a] - Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua íbera. *Cypselá*. Girona. 14, p. 251-275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002b) [2003b] - Problemas y cuestiones metodológicas en la identificación de los compuestos de tipo onomástico de la lengua íbera. *Arse*. Sagunto. 36, p. 15-50.

- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002c) [2003c] - La escritura ibérica meridional. *Zephyrus*. Salamanca. 55, p. 231-245.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2004) - *Análisis de epigrafía íbera*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2005a) - Introducció a l'estudi de les inscripcions ibèriques. *Revista de la Fundació Privada Catalana per a l'Arqueologia Ibèrica*. Barcelona. 1, p. 13-144.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2005b) - La problemática del sufijo «primario» o «temático» -k- en la lengua íbera y del vocabulario de las inscripciones religiosas iberas. *Faventia*. Barcelona. 27:1, p. 23-38.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2005c) - El logotip de la Fundació: informe sobre la transcripción de las inscripciones de tres tinajillas. *Revista de la Fundació Privada Catalana per a l'Arqueologia Ibèrica*. Barcelona. 1, p. 7-8.
- SALABERRI, P. (2000) - Acerca del sufijo toponímico *ain*. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 34, p. 113-137.
- SALABERRI, P. (2005) - Origen y significado de la toponimia de Navarra. In RAMÍREZ, J. L., ed. - *La onomástica en Navarra y su relación con la de España: actas de las Primeras Jornadas de Onomástica (Pamplona, 2003)*. Pamplona: Universidad Pública de Navarra, p. 91-127.
- SANCHO, L. (1981) - *El convento jurídico caesaraugustano*. Zaragoza: Institución "Fernando El Católico".
- SANMARTÍ-GREGO, E. (1988) - Una carta en lengua ibérica, escrita sobre plomo, procedente de Emporion. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 95-113.
- SANMARTÍN, J. (1994) - Toponimia y antroponimia: fuentes para el estudio de la cultura púnica en España. In GONZÁLEZ BLANCO, A.; CUNCHILLOS, J. L.; MOLINA, M., eds. - *El mundo púnico: historia, sociedad y cultura (Cartagena, 17-19 de noviembre de 1990)*. Murcia: Editora Regional de Murcia, p. 227-247.
- SANZ, B. (1997) - *Toponimia de la provincia de Valladolid: las cuencas del Duero, Pisuerga y Esgueva*. Valladolid: Universidad.
- SCHMOLL, U. (1966) - Althispanische Miscellen II. *Zeitschrift für Vergleichende Sprachforschung auf dem Gebiete der Indogermanische Sprachen*. Göttingen. 80, p. 182-198.
- SILES, J. (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILGO, L. (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- SILGO, L. (2000a) - [Recensão de] A. QUINTANILLA NIÑO: «Estudios de Fonología Ibérica». *Veleia, Anejos Serie Minor* 11, Vitoria-Gasteiz 1998. 325 págs. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), p. 279-293.
- SILGO, L. (2000b) - La procedencia de la lápida ibérica supuesta de Liria (F.13.1). In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), p. 181-186.
- SILGO, L. (2002-2003) - Plomo con inscripción ibérica procedente de La Serreta (*Serreta X*). *Recerques del Museu d'Alcoi*. Alcoi. 11-12, p. 185-186.
- SILGO, L. (2004) - Nuevo estudio sobre el plomo ibérico de Pujol de Gasset (F.6.1). *Arse*. Sagunto. 38, p. 15-28.
- SILVA, A. C. F. da (1986) - *A cultura castreja no noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal.
- SIMS-WILLIAMS, P. (2006) - *Ancient Celtic place-names in Europe and Asia Minor*. Oxford; Boston, MA: Blackwell.
- SOLIER, Y. (1979) - Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, p. 55-123.
- SOLIER, Y.; BARBOUTEAU, H. (1988) - Découverte de nouveaux plombs, inscrits en ibère, dans la région de Narbonne. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 61-94.
- STÜBER, K. (2005) - *Schmied und Frau. Studien zur gallischen Epigraphik und Onomastik*. Budapest: Archaeolingua Alapítvány.
- TERRADO, J.; MARTÍN DE LAS PUEBLAS, J.; SELFA, M. (2000) - Las Décimas de Castejón de Sos: ¿Vestigios del primitivo romance ribagorzano?. *Alazet*. Huesca. 12, p. 161-200.
- TIR, J-29 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-29: Lisboa. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Emerita-Scallabis-Pax Iulia-Gades. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1995.
- TIR, J-30 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-30: Valencia. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Corduba, Hispalis, Carthago Nova, Astigi. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Ciencia y Tecnología-Ministerio de Educación y Cultura, 2000 [2002].
- TIR, K/J-31 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K/J-31: Pyrénées Orientales - Baleares. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Tarraco - Baliares. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Educación y Cultura-Institut d'Estudis Catalans, 1997.
- TIR, K-30 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K-30: Madrid. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Caesaraugusta-Clunia. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1993.
- TOVAR, A. (1987) - Lenguas y pueblos de la antigua Hispania: lo que sabemos de nuestros antepasados protohistóricos. In GORROCHATAGUI, J.; MELENA, J. L.; SANTOS, J., eds. - *Studia palaeohispanica. Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Vitoria/Gasteiz, 6-10 mayo 1985)* [Veleia. Vitoria-Gasteiz. 2-3, 1985-1986], Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 15-34.

- UNTERMANN, J. (1979) - Eigennamen auf iberischen Inschriften. In TOVAR, A. [et al.], eds. - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17-19 junio 1976)*. Salamanca: Universidad, p. 41-67.
- UNTERMANN, J. (1987) - Repertorio antroponímico ibérico. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 17, p. 289-317.
- UNTERMANN, J. (1991-1993) - Intercanvi epistolar en un plom ibèric?. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 21-23 [Homenatge al Dr. Leandre Villaronga], p. 93-100.
- UNTERMANN, J. (1994-1995) [1997] - El tercer bronce de Botorrita y la antroponimia ibérica. *Arse*. Sagunto. 28-29 [número especial dedicado a Domingo Fletcher Valls], p. 135-145.
- UNTERMANN, J. (1995a) - La latinización de Hispania a través del documento monetar. In GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: Ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), p. 305-316.
- UNTERMANN, J. (1995b) - Die vorrömischen Namen in Hispanien und Aquitanien. In EICHLER, E. [et al.] - *Namenforschung. Ein internationales Handbuch zur Onomastik. I. Teilband*. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 738-746.
- UNTERMANN, J. (1996a) - Onomástica. In BELTRÁN, F.; DE HOZ, J.; UNTERMANN, J., eds. - *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón (Colección Arqueología; 19), p. 109-166.
- UNTERMANN, J. (1996b) - Los plomos ibéricos: estado actual de su interpretación. In *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural (Curso da la U.I.M.P.P. - Valencia, 4/9-X-1993)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, p. 75-108.
- UNTERMANN, J. (1996c) - Comentarios sobre textos ibéricos inscritos en vasos de plata que aparecieron junto con tesoros de monedas, de época republicana. In CHAVES TRISTÁN, F. - *Los tesoros en el Sur de Hispania. Conjunto de denarios y objetos de plata durante los siglos II y I a.C.* Sevilla: Fundación El Monte, p. 703-714.
- UNTERMANN, J. (1996d) - La frontera entre las lenguas ibérica y celtibérica en las provincias actuales de Zaragoza y Teruel. In *Homenaje a Purificación Atrián*. Teruel. Diputación Provincial, p. 177-189.
- UNTERMANN, J. (1998a) - La onomástica ibérica. *Iberia*. Logroño. 1, p. 73-85.
- UNTERMANN, J. (1998b) - Comentario sobre una lámina de plomo con inscripción ibérica de la colección D. Ricardo Marsal, Madrid. *Habis*. Sevilla. 29, p. 7-21.
- UNTERMANN, J. (1999) [2000] - L'inscription sur pierre d'Ensérune, conservée dans le musée de Cruzy (Hérault). *Archéologie en Languedoc*. Lattes. 23, p. 107-110.
- UNTERMANN, J. (2002) - Lengua ibérica y leyendas monetales. In *Actas del X Congreso Nacional de Numismática (Albacete, del 28 al 31 de octubre de 1998)*. Madrid: Museo Casa de la Moneda, p. 97-106.
- UNTERMANN, J. (2005) - La lengua ibérica en el País Valenciano. In *Món Ibèric als Països Catalans. XIII Col·loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà (14 i 15 de novembre de 2003). Homenatge a Josep Barberà i Farràs*. Puigcerdà: Institut d'Estudis Ceretans, p. 1135-1150.
- VALLEJO, J. M.ª (2006) - La composición en la antroponimia antigua de la Península Ibérica. In BELTRÁN, F.; JORDÁN, C.; VELAZA, J., eds. - *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), p. 99-134.
- VELAZA, J. (1991) - Consideraciones en torno a la inscripción ibérica de Caminreal. *AION*. Napoli. 13, p. 291-295.
- VELAZA, J. (1996) - *Epigrafía y lengua ibéricas*. Madrid: Arco Libros.
- VELAZA, J. (1998) - La epigrafía monetar paleohispánica: breve estado de la cuestión. In *La moneda en la sociedad ibérica: II curs d'Història Monetària d'Hispania (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Museu Nacional d'Art de Catalunya, p. 67-84.
- VELAZA, J. (2005) [2006] - Tras las huellas del femenino en ibérico: una hipótesis de trabajo. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 7, p. 139-151.
- VILÀ, M. del V. (1996) - Àmfora amb inscripció llatina i grafit ibèric. *Pyrenae*. Barcelona. 27, p. 295-299.
- VILLAR, F. (2000) - *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania Prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- VILLARONGA, L. (1998a) - *Les dracmes ibèriques i llurs divisors*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.
- VILLARONGA, L. (1998b) - Metrología de las monedas de la península Ibérica. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 28, p. 53-74.
- VILLARONGA, L. (2005) - LEUNI, una nova seca ibèrica. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 35, p. 35-38.
- ZEIDLER, J. (2005) - Onomastic studies on some Roman *amici* in Hispania. In COŞKUN, A., ed. - *Roms auswärtige Freunde in der späten Republik und im frühen Prinzipat*. Göttingen: Dührkohp & Radicke, p. 175-200.